

LETÍCIA COSTA DINIZ

**EXPRESSÕES ARQUETÍPICAS DAS DEUSAS GREGAS NOS
CASAMENTOS DE ONTEM E DE HOJE, TENDO COMO FOCO AS
MULHERES**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2008

LETÍCIA COSTA DINIZ

**EXPRESSÕES ARQUETÍPICAS DAS DEUSAS GREGAS NOS
CASAMENTOS DE ONTEM E DE HOJE, TENDO COMO FOCO AS
MULHERES**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof^a Flávia Arantes Hime.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2008

De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar,
e a certeza de que seria interrompido antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo de dança,
do medo, uma escada,
do sonho, uma ponte,
da procura, um encontro.

Fernando Pessoa

DEDICATÓRIA

Sejam vocês mesmas! Estudem cuidadosamente o que há de positivo ou negativo na sua pessoa e tirem partido disso. A mulher inteligente tira partido até dos pontos negativos. Uma boca demasiadamente rasgada, uns olhos pequenos, um nariz não muito correto podem servir para marcar o seu tipo e torná-lo mais atraente. Desde que seja seu mesmo”.

(Helen Palmer)

Dedico este trabalho a todas as mulheres: Adriana, Ana, Antonia, Arlete, Bianca, Camilli, Carolina, Carina, Cláudia, Cristina, Elisangela, Erika, Evilsa, Fabiola, Flávia, Fernanda, Giulia, Isabele, Joana, Júlia, Katherine, Leidilaine, Lilian, Liliane, Lourdes, Luciana, Luzia, Maria, Márcia, Marisa, Nathalia, Neusa, Olga, Patrícia, Priscila, Roseli, Regina, Renata, Vanessa, Vera, Sandra, Silvia, Sofia, Stéphanie, Terezinha.

Em especial dedico à mulher que, em grande parte do tempo, dedicou-se a mim e a meus irmãos, que a cada momento peculiar de sua vida vivenciou e vivencia plenamente o arquétipo das deusas. Com ativação da deusa Deméter deu-me à luz, cuidou-me e passou noites sem dormir. Com a constelação de Ártemis e Atena, se torna uma mulher guerreira e batalhadora, e dessa forma encontra forças para driblar a saudade, a fim de respeitar minhas escolhas permitindo que eu trilhe e construa minha trajetória profissional. Por meio da manifestação do arquétipo de Afrodite mantém sua beleza interna e externa.

À minha mãe Terezinha e a todas as mulheres, dedico meu trabalho, meu amor, minha compreensão e admiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Ao meu pai, pela oportunidade cedida, pelo comprometimento, pela compreensão, pelo exemplo que é e por ter acreditado e apoiado a minha escolha profissional.

À minha mãe pela compreensão da minha ausência; pelas palavras e momentos de conforto e alegria.

À minha família: irmãos legítimos e de coração, primos, tios e cunhadas; agradeço a presença constante em minha vida. Ao meu sobrinho que transmite alegria, paz e força para meu viver.

À minha orientadora, Flávia Hime, que pacientemente orientou, estimulou, compartilhou de momentos únicos e confiou no trabalho, tornando possível a realização.

Aos meus mestres: Alexandre, Chica, Maria Ângela, Márcia Batista, Marino, Marisa Penna, Noely, Ruth entre outros, que me acompanharam durante esses anos, transmitindo o saber e o sabor da Psicologia e da vida.

Aos meus amigos que me acompanharam nessa trajetória, e juntos me apoiaram nas dificuldades e celebraram as conquistas.

À minha terapeuta que por meio da escuta me acompanhou em minhas empreitadas heróicas, possibilitando meu desenvolvimento como pessoa e como profissional.

Às pessoas que pacientemente esperaram novembro chegar, para celebrar comigo o começo de uma nova trajetória. Que acreditaram e hoje vêem esse sonho tornar-se real.

Área do conhecimento: 7.07.00.00-1-Psicologia

Título: Expressões arquetípicas das Deusas Gregas nas mulheres de ontem e de hoje.

Nome do orientando: Letícia Costa Diniz

Nome do orientador: Flávia Arantes Hime

Palavras chave: mulher, deusas gregas, arquétipos, Psicologia Analítica

Resumo

A presente pesquisa busca uma compreensão das manifestações das Deusas Gregas nas mulheres, em momentos constitutivos de sua personalidade: década de 40/50 e na contemporaneidade, com respaldo na abordagem da Psicologia Analítica. Tem como eixo a compreensão de atitudes, comportamentos, pensamentos, sentimentos e práticas das mulheres brasileiras, que sejam possíveis de inter-relacionar com imagens primordiais das vivências humanas – que são os arquétipos. Esta compreensão se deu por meio das manifestações das diferentes expressões da mulher, embasada em levantamento de hipóteses, análise e interpretações de símbolos presentes no contexto. Sob esta ótica, este trabalho problematizou a dinâmica das expressões da mulher em décadas passadas e na contemporaneidade, interligando-as com os sistemas herdados do coletivo – arquétipo das deusas: Afrodite, Ártemis, Atena, Coré-Perséfone, Deméter, Hera.

Desta forma, concluímos que manifestações arquetípicas nas mulheres das décadas de 40 e 50 foram das deusas vulneráveis: Hera, Deméter e Perséfone, pois as relações entre homem e mulher eram hierárquicas veiculando o poder masculino e cindindo a vivência de ambos em âmbitos separados e excludentes. Na contemporaneidade há a busca por relacionamentos mais simétricos que pode favorecer que homem e mulher se desenvolvam na sua individualidade e nas relações. As deusas que mais atravessam as mulheres neste momento são as virgens: Atena e Ártemis e a deusa alquímica: Afrodite

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES CONJUGAIS.....	11
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1 SELF/ EGO	21
2.2 INCONSCIENTE PESSOAL	22
2.3 INCONSCIENTE COLETIVO	23
2.4 ARQUÉTIPO	24
2.5 SÍMBOLO	25
2.6 MITOS	25
2.7 ANIMA/ANIMUS.....	26
2.8 PERSONA/SOMBRA	27
2.9 INDIVIDUAÇÃO	28
3. DEUSAS	31
3.1 DEUSAS VIRGENS: ÁRTEMIS, ATENAS	31
3.1.1 ÁRTEMIS – DEUSA DOS ERMOS	31
3.1.2 ATENA - DEUSA DA SABEDORIA	33
3.2 DEUSAS VULNERÁVEIS: HERA, DEMÉTER E PERSÉFONE.....	35
3.2.1 HERA - RAINHA DO CÉU.....	35
3.2.2 DEMÉTER - DEUSA DA VIDA	36
3.2.3 CORÉ- PERSÉFONE – DEUSA DO MUNDO AVERNAL	39
3.3 DEUSA ALQUÍMICA: AFRODITE	41
3.3.1 AFRODITE - DEUSA DO AMOR.....	41
4. RELACIONAMENTO AMOROSO: CAMINHO PARA A INDIVIDUAÇÃO.....	44
5. MÉTODO	49
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	51
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	77

INTRODUÇÃO

O relacionamento amoroso entre homens e mulheres existe desde o início da humanidade, porém com o passar dos tempos, e a depender do contexto histórico, cultural e social surgem diferentes concepções a respeito do amor e da própria maneira de se relacionar.

Percebendo as transformações nas diferentes formas de relacionamentos amorosos e conjugais entre homens e mulheres ao longo dos séculos, nasceu-me o interesse de estudar, compreender e aprofundar o tema em questão.

Esta pesquisa buscará levantar informações, identificar e analisar aspectos relevantes da conjugalidade, sentimentos, pensamentos e atitudes, do ponto de vista feminino, durante as décadas de 40/50 e na contemporaneidade e terá como foco principal as transformações da mulher do ponto de vista de suas relações, no decorrer desses dois momentos históricos.

Por meio de estudos anteriores, percebemos que nestas décadas há elementos que nos possibilitam a compreensão das transformações da subjetividade da mulher nos relacionamentos, levando-se em conta sua recursividade em relação às transformações sociais, econômicas e políticas (Giddens, 1993).

Enquanto que por volta da década de 40 e 50 o casamento era uma instituição importantíssima para os casais, e dever-se-ia preservá-lo a qualquer custo, a década de 90 revela a cultura do divórcio, na qual o mais importante é a realização pessoal, independente da duração.

A respeito das transformações conjugais Souza (apud Norgren, 2002), afirma que,

“O crescimento do número de divórcios e a emergência dos mais variados tipos de arranjos familiares contribuem não só para a diversificação e o questionamento dos ideais e crenças relativas ao casamento, tais como a necessidade de casar, a indissolubilidade do matrimônio e a rígida estrutura de poder das relações estabelecidas no modelo tradicional, mas também fazem com que convivamos numa “ambivalência paradigmática” no que concerne a essa transformação de imaginários, na qual a aceitação do divórcio, como prática social, colide com os anseios individuais, os quais avaliam a qualidade o vínculo conjugal valendo-se da métrica da durabilidade (p.4)”.

Os dados do IBGE que nos mostram que no período de 1985 a 1998, o número de casamentos variou de 952.295 para 766.804 (diminuição de 19,5%) e o número de divórcios e separações legais, no mesmo período, variou de 112.547 para 195.880 (aumento de 74%), apresentam transformações relevantes para análise das transformações das relações conjugais no decorrer das décadas.

Logo, podemos levantar hipóteses a respeito dos vários fatores que levam um homem e uma mulher a se casar, manter-se no casamento ou divorciar-se. Nosso olhar neste trabalho será contextual: consideraremos os fatores sociais, econômicos e políticos, além dos pessoais e interpessoais, para compreender a conjugalidade.

As diferentes manifestações do Feminino, com relação ao comportamento, sentimento, pensamento entre outras, que se apresentam em cada época, bem como a secularização da sociedade, a modernização, a urbanização, serão fatores norteadores para pensarmos os atravessamentos dos arquétipos das deusas em diferentes épocas.

Féres-Carneiro (apud Norgren, 2002), afirma que não se deve perder de vista que os indivíduos na nossa sociedade se divorciam não porque o casamento não seja importante, mas porque ele tem tanta importância que os cônjuges não podem aceitar que não esteja à altura de suas expectativas.

Norgren (2002), referindo-se às mudanças dos papéis a serem desempenhados pelos cônjuges, relata que, *“na década de 60 os papéis eram mais limitados e definidos, com o passar dos anos as mulheres passaram a desenvolver papéis que a priori poderiam ser exercidos única e exclusivamente pelos homens (p.3)”*.

Os anos 60-70 trouxeram o questionamento do status quo em vários âmbitos: as minorias raciais, sexuais, políticas juntaram-se às feministas, aos ecologistas, pacifistas etc, num movimento de busca à igualdade de direitos, de rejeição aos valores vigentes e propostas de mudanças políticas, sociais, econômicas, raciais, assim como das relações privadas, entre elas as amorosas e sexuais.

A contemporaneidade revela uma superposição de valores arcaicos, tradicionais, anteriores a este momento histórico e valores modernos e pós-modernos (Figueira, 1987).

A relevância do presente trabalho está pautada na compreensão das transformações nas formas de relacionamento, já que é comum nas psicoterapias os pacientes trazerem para sessão suas angústias, inseguranças e desafios perante os

relacionamentos. Com esta pesquisa busca-se, além da compreensão do fenômeno, ampliação do conhecimento a respeito das relações conjugais e dessa forma poder contribuir para a promoção de saúde dos sujeitos envolvidos, tanto mulheres quanto homens.

Uma melhor compreensão dessas transformações, priorizando-se o Feminino, poderá gerar informações que contribuirão para a atividade clínica e pesquisa psicológica.

A Psicologia Analítica tem se mostrado uma abordagem extremamente relevante para a compreensão dos indivíduos e suas relações. Dentre seus pressupostos teóricos destacam-se as concepções de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, bem como os arquétipos, que são temas recorrentes na experiência da humanidade, e por meio da compreensão dessas expressões arquetípicas, há a estruturação da consciência, e posteriormente sua amplificação.

Buscaremos nesse trabalho, de uma maneira sutil e peculiar, por intermédio do estudo das deusas, com embasamento na mitologia, uma compreensão do Feminino em transformação nos relacionamentos conjugais, amorosos, sociais.

Porque as deusas?

De acordo com Woolger e Woolger (1987-1989), as deusas exprimem uma complexa descrição psicológica da personalidade feminina, que reconhecemos intuitivamente em nós, nas mulheres à nossa volta, e também nas imagens que estão em toda parte e em nossa cultura.

Acredito que a partir da manifestação dos conteúdos arquetípicos contidos em cada deusa, torna-se possível uma compreensão rica e profunda da psique da mulher em determinada época.

Segundo Byington (*apud* Brandão, 2000) os mitos, além de veicularem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem na história como marcos referenciais através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar.

Muitas das vezes, no senso comum, utilizamos a palavra mito para nos referirmos a fatos que não aconteceram e/ou que significam uma mentira. Segundo Bueno (1996), o sentido figurado é descrito como coisa inacreditável, sem realidade. Dessa forma, julgo importante esclarecer a idéia de mito que considerarei no trabalho: é uma idéia ampla, acompanhando Brandão (2000),

“O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações (p.36)”.

A partir de Alvarenga (2007), o mito é um conjunto de histórias relatadas de geração a geração, traduzindo o entendimento dos povos que as criaram e tinham, nessas histórias, a forma de explicar como o mundo se fez e tudo aconteceu.

O objetivo deste estudo é compreender, por meio das imagens arquetípicas das deusas, a dinâmica da mulher e seus relacionamentos amorosos e conjugais na década de 40-50 e na contemporaneidade, refletindo sobre a transformação por qual passou, considerando-se o contexto sócio-econômico-cultural em que ela se insere.

Este trabalho será estruturado da maneira que se segue:

No Primeiro capítulo, faremos uma contextualização das concepções sobre relacionamentos conjugais e amorosos nas décadas de 40-50 e na contemporaneidade.

No Segundo capítulo exporemos os conceitos da Psicologia Analítica, mais relevantes ao nosso estudo.

No Terceiro capítulo faremos uma apresentação das deusas gregas, com as quais temos maior familiaridade, que poderão potencialmente ser manifestadas nas mulheres em diferentes fases de sua vida.

No Quarto capítulo exporemos a metodologia a ser utilizada no trabalho.

O Quinto capítulo trará a discussão dos dados, utilizando a mitologia para essa fase investigativa, cruzando as informações relativas à mulher nos dois momentos históricos escolhidos e os arquétipos das deusas gregas que são atravessados.

As Considerações Finais, no Sexto capítulo, apresentarão reflexões acerca da importância da mitologia para a compreensão das relações amorosas e conjugais.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES CONJUGAIS

O casamento é um fenômeno social que se constitui pela união legítima entre duas pessoas (Bueno, 1996). Para estudarmos o tema em questão tomarei como base as relações de gênero, considerando a historicidade e as relações que podem ser ou não permeadas pelo poder. Com relação ao casamento há diferenças desse fenômeno social a depender da época e da cultura de cada povo.

Para nossa sociedade o casamento é considerado um fato de grande significado. Como afirma Macedo (apud Norgren, 2002):

“a família é vista como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo. É a matriz da identidade pessoal e social uma vez que nela se desenvolve o sentimento de pertinência que vem com o nome e fundamenta a identidade social, bem como o sentimento de independência e autonomia, baseada no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro (p.12)”.

No Brasil colonial, *“o regime de casamento prevalente na colônia e em parte do século XIX estava calcado em relações de interesse, pela aliança se garantia a perpetuação e o crescimento do patrimônio econômico e social da família (Gonçalves apud Norgren, 2002, p.29)”.*

“Com a República (1889) a família nuclear ganha força e a mulher deveria ser educada para desempenhar o papel de mãe e suporte para que o homem pudesse trabalhar fora de casa (Neder apud Norgren, 2002, p.31)”.

Até a década de 60, a união conjugal deveria ser mantida a qualquer custo. Os papéis eram claramente definidos, a desigualdade entre o homem e a mulher era aceita e reforçada socialmente. A boa mulher era aquela que se dedicava aos cuidados do lar e a educação dos filhos; nesse âmbito também entra o tema da sexualidade, como veremos a seguir.

Por detrás da relação conjugal ou amorosa seja por meio do casamento, ou por outro tipo de relação, como morar junto, namoro etc, há outras questões que influenciam a vida e a dinâmica de um casal, ou seja, há situações que atravessam o

relacionamento, como a sexualidade, individualidade, filhos, trabalho, entre outras, que a depender do momento histórico se manifestam de diferentes formas.

Nas décadas de 40 e 50, a questão da virgindade para as mulheres era considerada um fator importante para se dizer se uma mulher “prestava” ou “não prestava”, para o casamento.

Giddens (1993) afirma que nessa época,

“A virgindade antes do casamento, por parte das garotas, era apreciada por ambos os sexos. Poucas garotas revelavam o fato de permitirem a um namorado uma relação sexual completa – e muitas só admitiam que tal coisa acontecesse se estivessem formalmente comprometidas com o rapaz em questão (p.19)”.

A realidade era assim dividida em duas esferas excludentes (o âmbito público e o privado), assim como o temperamento de homens e mulheres e os traços de personalidade deles esperados. Eram “sexos opostos”.

Na modernidade as relações se transformam, sofrendo rápidas e profundas mudanças estruturais no núcleo familiar, bem como em relação à posição da mulher dentro desta constituição e também a questão da sexualidade.

A pesquisa realizada por Rubin (1989) constatou que:

“(...) virtualmente nenhuma garota adolescente fala em “se guardar” para o noivado e para o casamento. Em vez disso, falam uma linguagem de romance e compromisso que reconhece a natureza potencialmente finita de seus envolvimento sexuais anteriores (p.19)”.

Como podemos perceber, se em décadas anteriores a questão da sexualidade era um tabu, não podendo sequer ser verbalizada, nos tempos atuais há maior naturalidade e podemos dizer que já se encontra presente em vários âmbitos da vida social. Para Giddens (1993), nos dias atuais,

“As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno. A vida pessoal

tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades (p.18)”.

Alguns fatores foram importantes para que a mulher mudasse sua maneira de pensar e agir diante das formas de se relacionar, bem como repensar a questão da sexualidade. Nos anos 60-70 há a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, realizando tarefas que antigamente eram realizadas única e exclusivamente por homens; somadas à entrada no espaço público, há a busca pela liberdade sexual feminina e a demanda pela qualidade das relações, o que revela um anseio pela autonomia e também pelo cuidado das relações.

Como bem coloca Hime (2004),

“A entrada da mulher em massa para o mercado de trabalho foi um fator importante para que passasse a ter voz não só no domínio privado, como também no público. Este fato, entre outros, levou ao questionamento da divisão sexual em domínios separado, com oportunidades, remuneração e valorização diferentes para homens e mulheres (p.117)”.

A partir deste momento, como afirma Giddens (1993), pode-se considerar que *“a intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública (p.11)”*.

Ao lado das transformações de atitudes e pensamentos, surgem movimentos que contribuem para a emancipação da mulher no percorrer das décadas. Um desses movimentos foi o feminismo, que reivindicava a igualdade de direitos para a mulher e entre estes, ao exercício da sexualidade desvinculada da procriação, pelo controle da natalidade. Com esse fato novo, há transformação nas formas de pensamento e ação no que concerne ao papel e à condição da mulher perante o sexo.

“A contracepção efetiva significava mais que uma capacidade aumentada de se limitar a gravidez. (...) Para as mulheres – e, em certo sentido também para os homens – a sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma “propriedade” potencial do indivíduo (Giddens, 1993, p.37)”.

Diante desses fatos, novas formas de relacionamento se constituem. Para Giddens (1993), “o termo ‘relacionamento’, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente (p.68)”. A partir dessa explicitação, Giddens (1993) conceitua o relacionamento puro, que se refere à entrada de uma pessoa na relação amorosa apenas pela própria relação e que só prossegue enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para nela permanecerem.

Uma característica do relacionamento puro é que,

“(...) ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, por qualquer um dos parceiros em qualquer momento particular. Para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver (Giddens, 1993, p. 152)”.

Ainda que na década de 70 muitas jovens dirigissem seus carros, trabalhassem, estudassem, fizessem uso de métodos contraceptivos, elas também aspiravam à salvação do dragão pelo príncipe encantado, com o qual deveriam viver uma relação de exclusividade, duradoura, que as protegeria contra a solidão. A definição delas ocorria em função da relação, assim como sua auto-estima (Hime, 2004).

É nesse momento que as crises de identidade podem surgir, tanto por parte da mulher quanto por parte do homem. E dessa forma, a partir da década de 70, a separação e o divórcio deixam de ser um estigma social e a valorização da individualidade e do ser feliz independentemente de como, se faz presente.

“na cultura do divórcio [grifo nosso] a igualdade de gêneros ganha importância, o indivíduo como o centro das atenções, com suas necessidades e anseios (sexuais, de afeto, apoio e segurança), o que vem alterar de maneira significativa a relação conjugal e a dinâmica de poder no casamento, redefinindo-o. Os projetos pessoais ganham destaque; não se está mais preocupado com a sobrevivência absoluta da família, mas voltado à satisfação conjugal (Norgren, 2002, p. 4)”.

Segundo Bassanezi (2001),

“O divórcio, considerado por muitos um veneno para a estabilidade social por enfraquecer a instituição familiar ou servir como porta de entrada para o amor livre, só passou a fazer parte das leis brasileiras na década de setenta (p.367)”.

Estas mudanças estabelecem premissas básicas para que homens e mulheres se relacionem de uma forma mais liberta e igualitária, ou seja, não mais calcados na relação de dependência e submissão de um lado, e de poder, do outro, o que ocorria quando desempenhavam papéis impostos e determinados pelo meio social e familiar.

Na década de 70, Hackstaff (*apud* Norgren, 2002), em estudo sobre casais das décadas de 50 e 70, revela que nesta última, os valores vigentes passaram a constituir o que denominou “cultura do divórcio”. O casamento deixa de ser uma certeza, ou seja, para a vida toda – até que a morte nos separe – e passa a ser uma opção, contingência e a vida a dois torna-se um desafio.

Dessa forma, o divórcio passa a ser uma saída socialmente reconhecida, para um relacionamento insatisfatório. E o casamento torna-se um evento opcional. Como apontamos na Introdução,

“O crescimento do número de divórcios e a emergência dos mais variados tipos de arranjos familiares contribuem não só para a diversificação e o questionamento dos ideais e crenças relativas ao casamento, tais como a necessidade de casar, a indissolubilidade do matrimônio e a rígida estrutura de poder das relações estabelecidas no modelo tradicional, mas também, fazem com que convivamos numa “ambivalência paradigmática” no que concerne a essa transformação de imaginários, na qual a aceitação do divórcio, como prática social, colide com os anseios individuais, os quais avaliam a qualidade o vínculo conjugal valendo-se da métrica da durabilidade (Souza apud Norgren, 2002, p.4)”.

No passado a mulher era submetida e se submetia ao casamento, já que à época a sociedade discriminava uma mulher que não vivia com o marido, seja por motivo de separação ou de abandono, chegando esta até a sofrer blasfêmias de

traição ou de desempenhar mal seu papel no lar e com os filhos. *“Nas sociedades antigas, o casamento não assegurava uma relação amorosa, mas era antes um negócio de família (Flandrin apud Norgren, 2002, p.17)”*.

Logo, a situação de separação ou divórcio não era bem vista na década de 50, como afirma Bassanzi (2001),

“O desquite, a única possibilidade de separação oficial dos casais nos anos 50, não dissolvia os vínculos conjugais e não permitia novos casamentos. As mulheres desquitadas ou as que viviam concubinas com um homem desquitado sofriam com os preconceitos da sociedade (p.363)”.

A mulher deveria honrar a família, bem como desempenhar com eficiência os papéis que lhe cabiam no momento, de dona de casa, mãe e esposa. Diante dessa visão Bassanezi (2001) afirma,

“Sendo herdeira de idéias antigas, mas sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposas e mães, saberia da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher (p.607)”.

“Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação (ibid, p.609)”.

O papel a ser desempenhado pela mulher era considerado quase que como uma atitude intrínseca ao feminino, naturalizada, e dessa forma deveria ser desempenhado com muito esmero. Ao homem, por outro lado, era atribuída a função de provedores pela participação no mercado de trabalho: a saída do lar para retornar com o sustento para a família era atribuída ao espírito de aventura, à produtividade, força e determinação, que definiam a masculinidade.

“A mulher casada deveria ter o marido e os filhos como centro de suas preocupações. De maneira não muito explícita, mas contundente, o bem estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito (Bassanezi,2001,p.627)”.

Durante as décadas de 50 e 60, as distinções entre os papéis femininos e masculinos eram claramente definidos, a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceito e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o 'chefe da casa'. (Bassanezi, 2001).

Gilligan (*apud* Hime, 2004), diz que o binômio homem provedor – mulher cuidadora era compatível com uma organização social anterior à entrada em massa da mulher no mercado de trabalho. O cuidado do lar, do marido, dos filhos eram atividades primárias na vida da mulher, definidoras do si-mesmo.

Ao homem cabiam as experiências e vivências no mundo público, enquanto a mulher deveria viver e ter experiências apenas no âmbito privado, restrito do lar.

Segundo Bassanezi (2001),

“Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (p.608)”.

No passado, para que esse padrão de comportamento fosse garantido culturalmente, o mesmo era transmitido tanto de pai para filho quanto de mãe para filha. Com relação às mulheres, era fundamental que a garota tivesse êxito em seu aprendizado, já que o mesmo lhe traria grandes possibilidades para conseguir um casamento.

“(...) desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como ‘o objetivo’ de vida de todas as jovens solteiras (Bassanezi, 2001, p. 610)”.

Na contemporaneidade, os papéis não são tão definidos e impermeáveis: a mulher busca desempenhar, basicamente, os papéis que ela escolher. O casamento e a maternidade deixam de serem os principais e únicos desejos da mulher; complementando-os, há o desejo de realização profissional, de ascensão na carreira e a possibilidade de igualar-se financeiramente ao homem: dessa forma, ao contrário das décadas anteriores, a mulher pode torna-se independente, garantindo sozinha o próprio sustento e o dos filhos.

Entretanto, permanecem as desigualdades de gênero: as mulheres ainda não têm acesso às mesmas oportunidades e nem recebem remuneração igual aos homens pelo mesmo trabalho desempenhado por eles, resquício do modelo patriarcal.

Com as transformações dos papéis, as relações conjugais também se transformam. Logo, se no passado as relações conjugais eram expressas pela frase: “Até que a morte nos separe”, atualmente como bem coloca Moraes (2000),

“O padrão paradoxal tão bem expresso por Vinicius de Moraes e adotado nas relações afetivas – “que seja eterno enquanto dure” -, no plano da subjetividade pode endossar os valores da era do descartável em que tudo, inclusive a pessoa amada, pode ser substituído (p.20)”.

Como podemos perceber, a mulher vem fazendo mais escolhas, porém com menos certeza e segurança da durabilidade destas, como afirma Moraes (1994). Dentre estas a separação vem perdendo aquele sentido pesado de tempos atrás, embora signifique sempre uma ruptura que pede transformações no âmbito pessoal, das relações materiais etc.

Se antes a mulher casava com a certeza de que viveria o resto da vida com o mesmo marido, bem como que exerceria por toda sua vida o papel de dona do lar, “custando o que custar”, hoje a mulher contemporânea “paga para ver”, ou seja, diante de um leque de possibilidades ela se arrisca, enfrenta e escolhe, porém sem a certeza de quanto tempo durará.

E a qualidade dessas relações não está no tempo cronológico, mas sim na intensidade e na satisfação com que são vivenciadas.

Outra transformação que ocorreu com o passar das últimas décadas e é uma questão complicada e complexa nas relações conjugais e amorosas, é o tema fidelidade.

Durante as décadas de 40/50, a mulher era orientada a não olhar profundamente para esta questão, já que era considerado natural o homem procurar outras parceiras extra-conjugais.

Este fato era justificado biologicamente por uma suposta necessidade sexual maior no homem, além da divisão entre as mulheres respeitáveis, as privadas, e as impuras, as públicas, as prostitutas.

Caso uma mulher descobrisse a infidelidade do parceiro, Del Priore (2001) lembra que,

“A esposa teria de fazer tudo o que estivesse a seu alcance para sobrepujá-la, de preferência sem enfrentamentos diretos e sim mostrando ao marido que ela, como boa esposa, poderia ser melhor companheira que a outra (p.635)”.

Novamente a mulher deveria se submeter ao marido, pois caso contrário poderia até correr o risco de ser criticada na vizinhança por não estar cumprindo devidamente seu papel de esposa justificando, assim, a conduta do marido.

Segue abaixo um exemplo dado por Del Priore (2005), veiculado na mídia na década de 40, de como essa submissão feminina diante da infidelidade do marido, estava presente na época:

Teste do Bom Senso

Suponhamos que você venha a saber que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, com há tantas na vida dos homens. Que faria você?

1. Uma violenta cena de ciúmes
2. Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo.
3. Deixaria a casa imediatamente.

Resposta

A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que após uma dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com certo senso de remorso.

A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria mais inteligentemente.

A terceira é a mais insensata. Qual mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância (p.284).

Para a mulher contemporânea, segundo as pesquisas de Moraes (2000), a questão da fidelidade foi apontada como fundamental na qualidade das relações. E o desfecho ao saber de uma infidelidade do parceiro, não é mais uma atitude de submissão por parte da mulher, mas sim, como em muitos outros aspectos, é encarado como uma decisão a ser tomada pela mulher.

Segundo Moraes (2000),

“A fidelidade desejada não se funda na colocação do parceiro como o centro da vida nem na cegueira em relação ao que há em volta do casal. Ao estarem juntos, isto representaria uma opção. Se outra possibilidade se torna mais atraente, não se deveria omitir o fato (p.38)”.

Com foco nessas ricas transformações de atitude, postura, sentimento e pensamento realizaremos a análise simbólica dos arquétipos que atravessam a vida das mulheres, coletivamente, a depender do contexto sócio-histórico-cultural.

Para tanto iniciaremos com uma apresentação dos principais pressupostos teóricos da Psicologia Junguiana, para, a seguir, descrever as Deusas gregas e os arquétipos por elas veiculados.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para estudar a relação entre as manifestações dos arquétipos das deusas e as diferentes expressões do feminino, diante dos relacionamentos conjugais e amorosos, é necessário explicitar alguns conceitos da psicologia analítica.

Acredito que a explanação desses conceitos é fundamental para contribuir para a compreensão das diversas maneiras de um homem e uma mulher se relacionarem. Para tanto, os conceitos serão abordados de forma breve e com ênfase do entrelaçamento destes com o tema em questão: o Feminino e suas relações.

2.1 SELF/ EGO

“O termo técnico “Ego” é uma palavra que se originou do latim e significa “eu”. Consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um “eu” (Stein,2005,p.21)”.

Para Jung (*apud* Stein, 2005),

“(...) o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente. O ego é responsável pela retenção dos conteúdos na consciência, e também pode eliminar conteúdos da consciência deixando de os refletir (p.25)”.

O ego em sua estrutura superior é racional, cognitivo e orientado para a realidade, e em suas camadas mais profundas é que ele está sujeito às fantasias, emoções e conflitos (Stein, 2005).

“O ego movimenta-se no interior do campo da consciência, observando, selecionando, dirigindo a atividade motora até uma certa medida, mas ignorando também uma considerável soma de material que a consciência está por outro lado, tomando em consideração (p.34)”.

Si-mesmo (Self)

O arquétipo do si-mesmo tem como função a auto regulação, ou seja, é uma função organizadora da totalidade consciente e inconsciente (Cavalcanti,2007).

Como bem coloca Stein (2005),

“O si-mesmo gera símbolos compensatórios de integração quando o sistema psíquico corre o perigo de se fragmentar. Esse é o ponto em que intervém o arquétipo do si-mesmo num esforço para unificá-lo (p.144)”.

A integração dessa totalidade é o que dá nome ao conceito central na teoria junguiana, que é o processo de individuação. Para Jung (*apud* Cavalcanti, 2007), o inconsciente é uma potência que procura expressão.

2.2 INCONSCIENTE PESSOAL

Jung (1987) definiu inconsciente pessoal, como sendo aquele que contém lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, percepções que não ultrapassam o limiar da consciência, isto é, são percepções dos sentidos que por falta de intensidade não alcançaram a consciência, ou seja, são conteúdos carregados de carga afetiva, que conhecemos como complexos, que não estão maduros para a consciência.

Dizemos inconsciente pessoal, pelo fato de que são conteúdos que foram adquiridos durante a história de vida e experiências do indivíduo.

As maneiras de expressão dos conteúdos do inconsciente pessoal, são por meio de símbolos, como por exemplo, por meio dos sonhos.

Jung (1875-1961) afirma que,

“os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é portanto um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico (p.7)”.

Logo, os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal, na medida em podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação específica. São partes integrantes da personalidade do indivíduo. (Jung, 1875-1961)

2.3 INCONSCIENTE COLETIVO

“À camada mais profunda da psique humana, Jung (grifo nosso), deu o nome de “inconsciente coletivo (Stein,2005,p.83)”.

O inconsciente coletivo contém todas as possibilidades humanas. Nele há elementos herdados comum a toda a humanidade, como padrões e imagens universais, os quais chamamos de arquétipos, que melhor explicaremos no próximo tópico.

A partir de Jung (1987),

*“as imagens primordiais são as formas mais antigas e universais da imaginação humana. São simultaneamente sentimento e pensamento. Têm como que vida própria, independente mais ou menos como a das **almas parciais**, fáceis de serem encontradas nos sistemas filosóficos ou gnósticos, apoiado nas percepções do inconsciente como fonte de conhecimento (p.58)”.*

Todos os seres humanos têm todas as possibilidades de expressar todos os arquétipos e instintos, porém sua manifestação dependerá da particularidade, personalidade e experiência de vida de cada ser.

Nas palavras de Jung *apud* Stein (2005),

*“O homem ‘possui’ muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu **tabula rasa**, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano. Da mesma forma como os instintos dos pássaros de migração e construção do ninho nunca foram aprendidos ou adquiridos individualmente, também o homem traz do berço o plano básico de sua*

natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice, nascimento e morte, filhos e filhas, pais e mães, uniões, etc. Apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data (p.84)”.

2.4 ARQUÉTIPO

Como dito no conceito anterior, arquétipos são imagens universais, são temas recorrentes na experiência de toda a humanidade.

Por meio dos arquétipos nos é permitido compreender os conteúdos que se repetem na humanidade. São aspectos míticos que permanecem no inconsciente coletivo, estando contidos neles, ainda, os símbolos, que segundo Jung, são *“constituídos por aspectos individuais e coletivos; são a ponte que une o consciente e o inconsciente, sendo capazes de atingir a totalidade.”*

Jung (*apud* Cavalcanti, 2007) afirma que,

*“A criança ao nascer já traz **in potentia** a capacidade de atualizar esses arquétipos de acordo com suas vivências no mundo das relações. Ocorre uma interação entre a disposição arquetípica interior da criança e o seu contato com o mundo externo. A partir dessa interação, vão se compondo os complexos, que, por sua vez, integram aquilo que se chama inconsciente pessoal (p.31)”.*

Petta (2000) coloca que, o complexo arquetípico (símbolo) *“é universal e suas manifestações representam algo que esteja fora da compreensão humana, tocando em pontos comuns de determinados grupos de pessoas (p.3)”.*

Segundo Benedito (1996) os arquétipos agem de forma fascinante, ele opõem-se ao consciente, e a longo prazo até forja destinos por meio de influências inconscientes, sobre nosso modo de pensar, sentir e agir.

2.5 SÍMBOLO

O símbolo é um transformador de energia, nele estão contidas as possibilidades e as necessidades de transformação. É a ponte entre o inconsciente e o consciente.

A manifestação dos símbolos se dá por meio de imagens, sonhos, mitos, contos de fadas. Quando as imagens simbólicas são compreendidas e apreendidas pelo ego há a ampliação de consciência contribuindo para o processo de individuação do sujeito.

Segundo Edinger (*apud* Petta,2000), *“símbolo é a representação de algo desconhecido, um mistério, que veicula um significado vivo e subjetivo, enquanto que o termo significado indica conhecimento abstrato e objetivo (p.15)”*.

Os símbolos nos trazem infinitos significados e maneiras de interpretações, neles estão contidas todas as possibilidades de representação e de transformação. Dessa maneira, segundo Cavalcanti (2007),

“O ego precisa se debruçar sobre o símbolo e permitir que seus conteúdos fertilizem a consciência, sem querer impor a ele um significado único. Se isso for feito, o conteúdo do símbolo fica reduzido e, portanto, sua força transformadora diminuirá (p.30)”.

Cavalcanti (2007) enfatiza que: o símbolo é um combustível potente para a reflexão do ego, desde que seja aceita sua irracionalidade que também o compõe.

2.6 MITOS

Maurice Leenhardt (*apud* Brandão,2000) precisa o conceito de mito, dizendo que este é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa.

Brandão (2000), ampliando o conceito de mito diz,

“O mito, porém, não possui outro fim senão a si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito. Assim é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo, por sua própria natureza, aparentado à arte, em todas as suas criações (p.14)”.

Jung (*apud* Cavalcanti,2007) conclui que o conhecimento do mito facilitaria a compreensão da vivência do paciente, ao permitir a identificação das possibilidades de desdobramento da situação patológica.

Nos mitos, estão contidos os símbolos, que podemos trazer a consciência para uma compreensão das experiências humanas vividas. O símbolo é um mecanismo psicológico que canaliza a energia psíquica (Cavalcanti, 2007).

Uma das expressões do inconsciente se dá por meio dos símbolos, e estes, por sua vez, exprimem da melhor maneira possível algo que está oculto, que é desconhecido da consciência.

2.7 ANIMA/ANIMUS

Anima é o lado inconsciente, feminino da personalidade do homem. Ela pode ser personificada nos sonhos por imagens de mulheres; o animus é o lado inconsciente, masculino da personalidade da mulher, que pode ser personificadas nos sonhos por imagens de homens.

Segundo Jung (*apud* Esteves, 2004), *“a anima é feminina; sendo assim, é a figura que compensa a consciência masculina; já na mulher, esta figura compensadora é denominada animus, tendo então um caráter masculino (p.14)”.*

De acordo com Cavalcanti (2007),

“Trabalhar (...) o casamento pode ser um dos caminhos mais férteis para nossa individuação mais verdadeira com o outro, aceitando quem esse outro realmente é, e não impondo ao outro a nossa verdade, ou, melhor dizendo, nossas projeções (p.45)”.

Como vimos e veremos nos próximos capítulos, as possessões da anima-animus levam em conta o momento sócio-político-cultural de cada indivíduo.

Segundo Samuel (*apud* Benedito, 1996),

*“... **anima** e **animus** provocam imagens que representam um aspecto inato de homens e mulheres – aquele aspecto deles que é, de certa forma, diferente do modo como funcionam conscientemente; um outro, estranho, talvez misterioso, porém certamente cheio de possibilidade e potencialidades. Mas por que a ênfase no ‘sexo oposto’? Porque o homem irá, muito naturalmente, imaginar o que é o ‘outro’, para ele, sob a forma simbólica de uma mulher – um ser com outra anatomia. A mulher irá simbolizar o que é estranho ou misterioso para ela em termos do tipo de corpo que ela mesma não tem. Na verdade, a sexualidade do oposto implica na psicologia do oposto; a sexualidade é uma metáfora para isso (p.57)”.*

“Essas estruturas fazem a ‘conexão da pessoa como ela é (ego) com aquilo que ela pode vir a ser (Benedito, 1996, p.57)”.

O recorte que mostramos à sociedade é uma necessidade arquetípica, e compõe o arquétipo da persona (Cavalcanti, 2007).

2.8 PERSONA/SOMBRA

A persona e a sombra são mecanismos de defesa que claramente podemos observar em uma relação entre um homem e uma mulher.

A persona seria uma espécie de máscara de que o indivíduo se utiliza para adaptar-se ao mundo externo, afim de, ser amado e aceito pelo outro. O ego é responsável pela constituição desta parte de nossa personalidade.

Segundo Whitmont (*apud* Petta, 2000), *“nossas personas representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo; são as máscaras que carregamos durante todo esse jogo de viver na realidade exterior (p.12)”.*

Durante nossa vida utilizamos várias máscaras para lidar com o mundo, a fim de nos adaptarmos a cada situação ou momento de nossa história. Entretanto a fixação em apenas uma persona pode representar uma identidade fragilizada.

Em contrapartida, temos a Sombra constituída pelos aspectos que não são aceitos no e pelo próprio indivíduo. São conteúdos nossos que reprimidos por estarem de desacordo com o desejo e a imagem construída pelo ego.

Dessa forma a sombra não é admitida pelo ego por ser incompatível com a persona, logo, é reprimida; porém, tem grande potencialidade para vir à consciência de maneira projetiva, ou seja, o indivíduo projeta no outro o que ele não quer e o que ele não aceita em si próprio.

Segundo Jung (*apud* Souza, 2007), afirma que, “*a sombra juntamente com anima e animus, caracterizam-se como os arquétipos que mais intensamente perturbam o Eu (p. 305)*”.

Quando os aspectos sombrios da personalidade humana são reconhecidos pelo indivíduo, há a ampliação da consciência, o que possibilita o fortalecimento e desenvolvimento do ego, favorecendo o processo de individuação e sendo indispensável para o autoconhecimento.

2.9 INDIVIDUAÇÃO

Os relacionamentos amorosos, ou seja, a relação eu - outro, homem-mulher, pode favorecer no processo de individuação, que consiste no desenvolvimento da personalidade individual.

Jung (*apud* Stein, 1998), define o termo individuação como sendo o processo da pessoa tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada.

Por meio da integração de conteúdos inconscientes na consciência, ocorre a sua ampliação. Dessa forma, o indivíduo pode ir se tornando quem ele realmente é.

O processo de individuação é o meio pelo qual o indivíduo ao longo da vida, vai se aproximando cada vez mais daquilo que de fato ele é. O desvinculamento de aspectos puramente adaptativos, que atendiam mais às expectativas do ambiente

do que às próprias necessidades individuais, possibilitam realizar aspectos latentes do inconsciente (Jung, 1935).

Essa relação de integração entre o consciente e o inconsciente é compensatória, e essa compensação tem por objetivo equilibrar o sistema psíquico. Podemos observar esse movimento nos sonhos, nos quais os conteúdos inconscientes são trazidos para a consciência.

O inconsciente pode compensar a consciência do ego, de inúmeras maneiras ao longo da vida, como por exemplo, por meio de atos falhos, esquecimentos, acidentes.

“O processo de individuação é impulsionado pelo si-mesmo e levado a efeito através do mecanismo da compensação. Embora o ego não o gere nem o controle, pode participar nesse processo na medida em que adquire consciência dele (Stein, 1998, p.173)”.

Como se pode perceber, por meio desta breve descrição, os principais fundamentos teóricos da Psicologia Analítica se articulam, se integram, apresentando o ser humano como totalidade que se relaciona com outras totalidades, dentro de uma cultura e num determinado momento histórico.

A seguir far-se-á uma apresentação das principais deusas gregas, escolhidas; pela maior familiaridade que temos com elas, sendo manifestações de arquétipos podem-se destacar em cada uma delas temas mais relevantes à compreensão da psique humana.

Cabe ressaltar que as deusas surgiram com a “departamentalização” (Woolger e Woolger, 1987-1989) da Grande Mãe, divindade da fase matriarcal da consciência do ego, com a emergência da fase patriarcal.

3. DEUSAS

3.1 DEUSAS VIRGENS: ÁRTEMIS, ATENAS

As deusas virgens apresentam aspectos independentes e ativos da psique das mulheres.

Bolen (1990), afirma que *“para desenvolverem seus talentos e enfocarem a busca do que tem valor pessoal às mulheres – protótipo da deusa virgem freqüentemente evitam o desempenho de papéis tradicionais das mulheres (p.68)”*.

3.1.1 ÁRTEMIS – DEUSA DOS ERMOS

Ártemis, a mais antiga de todas as deusas gregas, é filha de Zeus – força da criação, ela era o ideal e a personificação da vida selvagem da natureza e dos homens, em toda sua exuberante fertilidade e profusão.

Como diz Amaral (2007), *“o Deus da criação, representante do princípio solar, uniu-se à deusa da noite, da fecundidade, representante do princípio lunar e dessa **coniunctio** nasceram Ártemis e Apolo (p.237)”*.

O arquétipo da deusa Ártemis expressa um feminino autônomo, que não se submete ao masculino, mas sim ao pai, e desta forma, obedece às regras do patriarcado (Amaral, 2007).

Hera interditou o nascimento dos filhos de Leto - Ártemis e Apolo - mas Ártemis nasceu sem causar dor alguma à sua mãe e ainda ajudou-a no nascimento de seu irmão, que causou muito sofrimento a Leto.

Continuando o mito, a partir de Graves (*apud* Amaral 2007),

“Ártemis, aos três anos de idade, foi levada ao Olimpo, por Leto, para ser apresentada à sua família. Recebida por seu pai, Zeus, o qual ficou encantado com sua preciosidade e determinação, teve todos os seus pedidos concedidos: a virgindade eterna, tantos nomes como os de seu irmão, arco e flecha iguais aos dele, a graça de originar a luz, uma túnica de caça cor de açafraão, ninfas – todas da mesma idade para serem suas companheiras e cuidarem de suas botas e vestes -, cães e instrumentos de caça, todas as

montanhas do mundo, e uma cidade qualquer onde deveria ser honrada e receber sacrifícios (p.238)”.

A “*virgindade eterna*” seria para que a deusa mantivesse sempre a autonomia, sem se submeter ao Masculino. “*Tantos nomes como seu irmão*”, mostra a exigência da deusa com relação às leis, de que as leis da natureza tenham o mesmo merecimento que as leis dos homens, mantendo a divisão justa de autoridade (Amaral, 2007).

A “*túnica de caça cor de açafreão*” conferia-lhe a liberdade de se conduzir segundo sua própria conveniência. Os “*cães de caça*” trazem o simbolismo de guiar os caminhos desconhecidos, o “*arco e flecha*” simbolizam a meta de acertar o alvo, com objetividade e determinação no processo de individuação (Amaral, 2007).

“*Todas as montanhas do mundo*” é para que Ártemis viva sempre junto à natureza. “*Uma cidade qualquer onde deveria ser honrada e receber sacrifícios*”, mostra a exigência de respeito da cidade, bem como o respeito à natureza (Amaral, 2007).

Já as “*ninfas, todas da mesma idade*”, representam o momento em que a menina se prepara para se tornar mulher, para a vida adulta (Amaral, 2007).

Segundo Woolger e Woolger (1987-1989),

“Para os gregos Ártemis tornou-se a padroeira das parteiras, aparecendo para toda mulher que clamasse por ela durante as dores do parto. Todavia, sua presença era ambivalente, visto que ela, enquanto Mãe da Morte, também podia chamar para si o recém-nascido se não houvesse sido adequadamente invocada e aplacada (p.85)”.

Ártemis foi considerada uma Deusa Tríplice: como deusa do sub-mundo, ela é associada ao Nascimento, Procriação e Morte. Como Deusa da Lua traduzia um dos aspectos da deusa Tríplice. Ela pode ser personificada como mulher primitiva, mulher criadora e destruidora. Ártemis como Lua Crescente, representa a Virgem, como Lua Cheia, a mulher grávida e como Lua Minguante e Nova, traduz a decadência e a morte.

Por fim, Ártemis representa a consciência feminina que apresenta autonomia e independência. Ela revela a capacidade para enfrentarmos situações mortais. É considerada a deusa do parto, por ter o significado de uma luta pela sobrevivência.

No seu aspecto negativo, Ártemis torna-se uma figura que castiga e mata os seres que desrespeitam a natureza.

Como bem resume Amaral (2007), o arquétipo de Ártemis,

“Reclama a integração do feminino do tempo novo representado pelo corpo. Expressa que a condição do conhecimento humano, para se transformar em realidade pós-patriarcal, depende da integração dos opostos, e se faz através dos princípios da lealdade e da fidelidade (p.248)”.

3.1.2 ATENA - DEUSA DA SABEDORIA

Para os gregos Atena era considerada a Deusa da Sabedoria e das artes e era denominada Minerva pelos romanos.

O mito mais popular referente à Deusa Atena, deixa claro que a Deusa foi considerada verdadeiramente a filha de Zeus.

A história nos diz que a Deusa materna mais antiga, a Titã Métis, que é a expressão da prudência e da sabedoria, ficou grávida de Zeus, e este, temendo um oráculo que dizia que seria um filho, menino, que iria depô-lo, engoliu-a por inteiro. Após o fato, Zeus sentiu fortes dores de cabeça, e por fim, uma deusa adulta, guerreira e inteiramente vestida com armaduras foi retirada da cabeça de Zeus. Sendo assim, Atena foi a única habitante do Olimpo sem uma verdadeira mãe, logo,

“(...) tendo nascido simbolicamente da cabeça de Estado do Olimpo. Nesse sentido, é a restauradora da sabedoria (metis) que Zeus digerira e transformara, mas que não obstante, precisava manifestar externamente sob a forma feminina (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.45)”.

Ribeiro (2007) reflete que se Atena nasce da cabeça do pai, ela vem com a *anima* espiritual de Zeus.

A virgindade de Atena revela que ela integra aspectos do masculino em si mesma, e não precisa de um parceiro ou companheiro para apresentar qualidades

do masculino, tais como a razão, a agressão ou a autoridade, como bem coloca Ribeiro (2007).

Ao engolir Métis, simbolicamente, estamos dizendo que Zeus engoliu a prudência e a sabedoria, aspectos do feminino, ou seja, há uma tentativa de fazer com que o animus incorpore alguns aspectos da anima: se faz necessária a integração de atributos femininos no tempo do patriarcado. (Ribeiro, 2007)

Como podemos perceber esse mito também pode representar um momento histórico em que o patriarcado se impõe sobre o matriarcado.

Atena, deusa da sabedoria, tem uma característica marcante, que é a dificuldade para lidar com a sedução e rejeição. Dessa forma podemos notar a dissociação entre poder e amor, cabeça e corpo (Ribeiro, 2007).

Um dado importante que devemos ressaltar é o fato da deusa ter nascido inteiramente armada, simbolizando vários aspectos de sua personalidade, entre eles sua força e prontidão para agir diante de qualquer dificuldade e também a proteção à sua vulnerabilidade de seus aspectos mais sensíveis.

Segundo Woolger e Woolger (1987-1989),

"Tudo o que houver de meigo e feminino em sua feminilidade de donzela permanece oculto sob várias camadas de couraças protetoras, e, quase como para ter a certeza de que os homens entenderão a mensagem de 'manter a distância', ela traz junto a seu peitoral a hedionda cabeça esfolada da Górgona, a Medusa. Essa medonha relíquia coberta de serpentes veio de uma aventura que ela inspirou em Perseu, um de seus heróis protegidos, incumbido da tarefa de matar essa monstruosidade feminina que homem algum podia vislumbrar sem se transformar em pedra (p.45)".

O indivíduo que tem esse arquétipo predominando, segundo Myers (*apud*, Ribeiro, 2007) é:

"Franco, decidido, assume a liderança prontamente. Percebe políticas e procedimentos ilógicos e ineficazes, desenvolve e implementa sistemas compreensivos para resolver problemas organizacionais. Gosta de planejamento de longo prazo e estabelecimento de metas. Frequentemente bem informado e atualizado, gosta de expandir seus conhecimentos e passá-los aos outros. Enérgico na apresentação de suas idéias (p.281)".

3.2 DEUSAS VULNERÁVEIS: HERA, DEMÉTER E PERSÉFONE

As deusas vulneráveis estão mais propensas a se realizarem por meio da relação com o outro; elas são orientadas para o relacionamento, como Hera sendo esposa, Deméter no papel de mãe e Perséfone atuando como filha.

As mulheres potencialmente ativadas pelos arquétipos dessas deusas tendem a cumprir os papéis tradicionais, tornando-os pessoalmente significativos.

3.2.1 HERA - RAINHA DO CÉU

Hera, filha de Cronos e Réia, a Grande Mãe deusa titã, foi legítima esposa e irmã de Zeus, e como tal, a antiga deusa grega era co-governante no Olimpo, era também considerada a deusa do casamento e defensora dos amores legítimos. Com Zeus, Hera teve dois filhos: Hefáistos – o filho criativo e Ares – o filho destrutivo.

Seu pai Cronos, era um devorador de filhos, logo, com ela não poderia ter sido diferente. Hera, ao ser engolida pelo pai, *“renasce para o mundo patriarcal como defensora dos valores do novo tempo de consciência (Spessoto, 2007, p.70)”*. Ao viver uma segunda gestação, no ventre de seu pai, *“simbolicamente integra competência para fazer perdurar a tensão dos opostos e a condição para proteger a **coniunctio**, inaugurando relações duradouras e defendendo compromissos estabelecidos. É uma grande defensora do feminino num contexto em que o masculino tem supremacia (Spessoto, 2007, p.70)”*.

Contudo, devido às andanças de Zeus e do envolvimento dele com outras deusas, Hera se tornará uma esposa ciumenta, e infeliz, já que Zeus desonrava o que ela considerava ser mais sagrado: o casamento. Como podemos perceber, Hera tinha bons motivos para ficar com raiva e ciúmes de Zeus, já que praticamente nenhum de seus filhos fora concebido dentro do casamento oficial.

As mulheres que têm o predomínio do arquétipo de Hera têm muito prazer com o matrimônio. O maior desejo dessas mulheres é casar-se e constituir uma família.

Como bem esclarece Woolger e Woolger (1987-1989), a mulher *“na sua nova identidade de esposa e parceira, de ajudante, ela se torna a personificação de tudo o que contribuirá para tornar o marido completo e, por sua vez, ela própria se torna a personificação da plena inteireza (p.149)”*.

Referindo-se ao casamento entre Zeus e Hera, Spessoto (2007), relata que,

“Ao projetar seu animus em Zeus, Hera (grifo nosso), revela sua masculinidade inconsciente ainda pouco desenvolvida, mas potencialmente muito fecunda. Zeus encontra uma esposa continente para a fragilidade de sua anima, fortalecendo sua masculinidade consciente. (...) Pode-se dizer que Zeus e Hera escolheram-se mutuamente e comprometeram-se com suas escolhas (p.70)”.

O arquétipo de Hera só se manifesta nas mulheres na segunda metade da vida. Basicamente a mulher-Hera quer duas coisas ao lado de seu marido: igualdade e parceria. Em suas aspirações tenderá enfatizar o conceito de dever no seu casamento. Traz também em seu conteúdo arquetípico a eterna renovação.

A esposa e mãe Hera, preocupada com o *status* e responsabilidade social, tende a ser uma mulher disciplinadora, já que ela quer que seus valores sejam refletidos pelos filhos. Deseja que seus filhos homens sejam tão bem-sucedidos quanto o pai e que as filhas tenham bons casamentos (Woolger e Woolger, 1987-1989).

Hera, durante toda sua vida sempre buscará o poder, ou seja, a fascina estar ao lado de homens poderosos, confirmando mais uma vez a idéia de que a completude e realização do marido será sua própria completude.

Dessa forma, como pudemos perceber, uma mulher-Hera é e sempre será, por temperamento, monogâmica e dedicada ao casamento, desejando de seu parceiro o companheirismo, a igualdade e a fidelidade, a fim de se chegar à inteireza e à plenitude, por meio do matrimônio.

3.2.2 DEMÉTER - DEUSA DA VIDA

“Deméter é a deusa Mãe da terra cultivada, é conhecida como a deusa do solo arado, da terra preparada para receber a semente da criação dada pelo masculino (Barbosa, 2007, p.103)”.

Filha de Réia e Cronos, teve um pai que por medo de ser destronado engole todos os seus filhos. Deméter é engolida por ele, permanecendo por um tempo no seu ventre, até que é salva pelo seu irmão.

Deméter tem em sua característica arquetípica a disposição para a gestação. Era mãe de Coré (donzela, em grego), conhecida como Perséfone; diz o mito que esta fora raptada e levada para o mundo avernal por Hades – Senhor dos Mortos. Devido a esse fato, Deméter retirou toda a energia vital da terra, não deixando que nenhuma semente germinasse, então Zeus, vendo a humanidade com fome, ordenou que Hades libertasse Perséfone.

Hades, antes de libertar Perséfone, deu à deusa uma semente de romã para que ela comesse, o que faria com que ela voltasse para ele, então a deusa passa a viver um terço do ano com Deméter e dois terços com Hades.

Com a satisfação de recuperar a filha perdida, Deméter fez com que os cereais brotassem novamente e com que toda a Terra se enchesse de frutos e flores.

O amor entre Deméter e Perséfone simboliza o sentimento que somente uma mãe e uma filha podem realmente partilhar. Jung diria que a mãe tem em sua filha a percepção de seu próprio "self".

Ao dar à luz, toda mulher tem o poder arquetípico de Deméter. No Olimpo o arquétipo da Mãe era representado por Deméter, ela deseja ser mãe. Quando está grávida ou criando seus filhos, Deméter atinge o ápice de sua plenitude enquanto mãe, ela se identifica com todas as atividades da maternidade.

A partir da análise de Barbosa (2007), percebemos que,

“Deméter, no entanto, é deusa da fertilidade, do solo arado, do mundo material, preparada para receber a semente do deus do Espírito – Zeus. Não cabe ao feminino escolher o fecundador. A mãe terra ali deverá estar pronta, à espera. À espera que forças acima e abaixo da terra possam acontecer. O masculino, por sua vez, como símbolo de fertilidade, renovação e criatividade, a ela deverá se impor. Novamente o feminino e masculino encontram-se num estado primitivo primordial, do qual a serpente aparentemente é a maior expressão (p.107)”.

A serpente simboliza um animal que “*encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso* (Chevalier e Gheerbrant, *apud* Barbosa, 2007)”.

A mulher-Deméter se doa inteiramente para a criação dos filhos, atendendo às necessidades básicas desses, como sede, fome, calor etc. Segundo Jung (*apud* Barbosa, 2007, p.109), “*Deméter extorque dos Deuses um direito de propriedade sobre a filha, (...) aquela que leva os filhos no ventre, depois se apega a eles, pois sem os mesmos, não possui nenhuma razão de ser*”. Barbosa (2007) compreende essa passagem como verdadeira “*numa sociedade patriarcal que tenta usurpar da deusa os seus dons* (p.109)”.

Deméter também pode ser considerada a deusa tríplice. A triplicidade da deusa podia ser vista na lua – crescente, cheia e minguante – e no fato de dela reger o mundo superior, a terra e o mundo inferior. Em termos humanos, ela era a Donzela ou Virgem, a Mãe e a Anciã. São essas as três fases principais da vida de uma mulher (Woolger e Woolger, 1987-1989).

Woolger e Woolger (1987-1989), afirmam que, correspondendo a cada fase tradicional do ciclo vital estão três grandes perdas vividas por toda mulher que tem filhos, e especialmente por toda mulher que tem pelo menos uma filha. E cada fase é marcada por alguma perda, perdas essas que devem ser vivenciadas por todas as mulheres. Na primeira fase, há a “morte da donzela”, que é a figura de uma “quase mulher” prestes ao casamento e essa fase é um processo para a próxima fase, onde a mulher se prepara para exercer a maternidade. Por fim, a última fase é quando não poderá mais conceber filhos, representada pela menopausa. Dessa forma o ciclo prossegue com a passagem dessas fases para a filha, bem como cedendo a ela a fecundidade. A morte da mãe torna-se presente na mulher idosa que tem agora o potencial para ingressar na esfera espiritual das anciãs, guardiãs dos mistérios da morte.

Deméter era considerada a protetora das mulheres e uma divindade do casamento, maternidade, amor materno e fidelidade. Ela regia as colheitas, o milho, o arado, iniciações, renovação, renascimento, vegetação, frutificação, agricultura e o solo.

“Simbolicamente, Deméter representava tudo que se relaciona com a terra e com a natureza vegetativa; para os gregos, ela era a deusa dos cereais e do

mistério da semente que, ao ser plantada, transforma-se em nova vida e alimento (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.211)”.

3.2.3 CORÉ- PERSÉFONE – DEUSA DO MUNDO AVERNAL

Como bem coloca Souza (2007), na descrição do mito: *“Coré é a expressão de uma imagem arquetípica do feminino infantil que se transforma, no decorrer dos relatos míticos, na mulher, Perséfone (p. 301)”.*

Na Grécia, Perséfone era a Rainha distante do Mundo Averno, que vigiava a alma dos falecidos. Para os romanos ela era conhecida como a virgem, a donzela, era associada com os símbolos da fertilidade, como a romã, o grão e o milho. Para alguns autores, Coré-Perséfone foi a filha única de Zeus e Deméter – mãe da terra cultivada.

Segundo Brandão (*apud* Souza, 2007), *“referindo Hesíodo, relata que Zeus seduziu sua irmã, depois de fulminar Iásion (amante de Deméter), tendo com ela Coré, a jovem (p.301)”.*

O mito diz que Coré-Perséfone, era uma garota despreocupada, que colhia flores e brincava com as amigas, até que aparece Hades, que a seqüestra e a leva para o mundo avernal – inferno – com o intuito de que essa seja sua noiva contra a própria vontade. Deméter não aceitando a situação, força Zeus a tomar providências, e este por sua vez, envia Hermes, seu deus mensageiro, para que busque Coré-Perséfone. Hermes ao chegar ao inferno encontra a jovem desolada, então Hades a deixa partir, porém antes lhe entrega algumas sementes de romã e ela come.

Ao reencontrar com sua mãe, Deméter, esta lhe pergunta se ela havia comido alguma coisa no inferno de Hades e Perséfone diz que tinha comido algumas sementes de romã, pois Hades a havia forçado. Então, devido a este ato, Perséfone não foi inteiramente entregue à sua mãe, devendo passar dois terços do ano no inferno e um terço do ano com sua mãe.

Por meio do relato do mito, podemos levantar a hipótese de que Coré-Perséfone tinha uma relação simbiótica com a mãe, típica de uma dinâmica matriarcal, na qual a mãe não permitia seu crescimento.

Contudo, ao ser raptada a deusa, menina, virgem e inocente (Coré) entra em contato com uma nova consciência, que permite o seu envolvimento com o masculino, possibilitando o seu desenvolvimento como mulher (Perséfone), ao comer as sementes de romã (símbolo da fecundidade).

A partir de Souza (2007), podemos analisar simbolicamente essa passagem,

“(...) como se Perséfone estivesse integrando a simbologia dos arquétipos por ela representada, isto é, de esposa-amante, ao comer as sementes, escolhendo estar com Hades, representando este casamento a relação simétrica entre os dois princípios: masculino e feminino (p.308)”.

Segundo Souza (2007), *“a descida aos Inferos, simbolicamente, pode ser entendida como um movimento em direção ao inconsciente, a um processo de ensimesmamento, busca pela reflexão, valores, totalidade (p.302)”.*

Perséfone caracteriza-se por dois aspectos: o de jovem, donzela e o de Rainha do Inferno. De jovem, por ser a garota despreocupada que colhia flores no jardim, tornando-se uma deusa mais madura, e a Rainha do Mundo Averno, após ser raptada por Hades que é o Deus da Morte. Por isso Perséfone foi considerada a Rainha do Inferno.

“A menarca constitui-se no primeiro ritual iniciático do feminino, separando a infância da vida adulta fértil, ou a possibilidade de iniciação na sexualidade adulta. A própria aceitação deste evento implica na aceitação, dentro de si, da morte das demandas infantis, de sua inocência, de sua persona adorável e meiga (Souza, 2007, p.303)”.

Souza (2007) com relação ao retorno de Coré à mãe nos esclarece que, *“não é o retorno de uma donzela, e sim de uma deusa madura, **Perséfone**, conhecedora dos mecanismos da vida e da morte, das energias determinantes das estações, da sexualidade e do nascimento (p.310)”.*

Para chegar a esse grau de desenvolvimento, a deusa atravessou diversas provas iniciáticas, tendo que se defrontar com obstáculos e se obrigando a transpassá-los, e a cada ultrapassagem Córe caminhava em direção a um novo modo de ser, adulto.

3.3 DEUSA ALQUÍMICA: AFRODITE

A deusa alquímica costuma fazer o que lhe agrada. Não é uma deusa virgem, teve filhos e era ligada ao masculino, e também não é considerada uma deusa vulnerável; ela compartilha de alguns aspectos com as outras deusas, embora fosse diferente delas.

3.3.1 AFRODITE - DEUSA DO AMOR

Há pelo menos duas versões sobre o nascimento de Afrodite. Na versão de Homero sobre o nascimento biológico desta Deusa, Afrodite nasce de modo convencional, como filha de Zeus e Dione, ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo¹, ela nasce como consequência de um ato bárbaro no qual Cronos corta os órgãos genitais de seu pai Urano e os atira no mar. Sendo assim, uma espuma branca surge em torno deles e misturando-se ao mar, gera Afrodite. Logo, ela é considerada filha do Céu e do Mar, a Deusa Mãe original em muitas tradições, e o primeiro fruto da separação do céu e da terra.

Afrodite é a deusa do amor sublime e espiritual, do amor carnal do prazer sexual, do amor, da beleza, dos relacionamentos, além da transformação: ela transforma o masculino em feminino, o velho em jovem, o feio em belo.

Lindenberg (2007) afirma que a deusa:

“Simboliza a atração irreprimível para fecundar a natureza. A deusa celeste guarda, em sua simbologia, todos os predicados e competências representativos do amor e da beleza. Quando humanizada, propicia elementos essenciais à relação, bem como o exercício do amor humanitário, ao embevecimento diante do belo, e a vivência do prazer (p.171)”.

Como deusa da sensualidade, e da arte sexual, e por viver intensamente o aqui e agora, Afrodite tem o poder da sedução e pode levar as pessoas em seus

¹ *Teogonia – A origem dos deuses* (2003, V: 150 a 202) (apud Lindenberg) – Quando o mais jovem do Titãs, Crono nasce, Géia o instrui para com uma foice combater seu pai, libertando ela e seus irmãos da opressão urânia. Crono, deus do tempo simétrico, castra Urano quando este se deita com Géia para fecundá-la. Corta os testículos do pai, pondo fim à fertilização indiscriminada. Do sangue derramado que caiu sobre Géia, nasceram as Enírias, os Gigantes e as Ninfas Melíades. E das espumas do mar, com abundância do esperma de Urano, nasce Afrodite.

relacionamentos ao êxtase e ao encantamento, tornando-os vulneráveis, impotentes para resistirem ao fascínio sexual: dessa forma o poder fica em risco (Lindenberg, 2007).

A fase patriarcal do desenvolvimento da consciência comporta a exclusão do feminino em sua dinâmica, justamente por temê-lo, devido ao risco do poder ficar vulnerável; sendo assim o patriarcado numa tentativa de defender-se do poder de sedução que o arquétipo da deusa carrega, qualifica-o como um pecado, como algo errado, do qual deve-se manter distância a fim de evitar contaminação.

Por não poder integrar efetivamente o feminino, o patriarcado torna-se ameaçado por aquilo que desconhece. Para se proteger estabelece padrões de valores, segundo os quais o masculino é lei (Lindenberg, 2007).

Segundo Jung (*apud* Lindenberg, 2007), “*onde existe o amor, não predomina o poder do indivíduo e onde existe o poder do indivíduo, não reina o amor* (p. 172)”.

A história de Afrodite nos mostra que a deusa teve incontáveis relacionamentos. Segundo Lindenberg (2007), “*seu casamento e seus amores conjugam com suas várias manifestações. Hefesto, seu marido, a ingressou através da arte e lhe deu o corpo; Ares lhe forneceu o amor agressivo; Adonis, o amor pueril; Anquises, o amor heróico; Hermes o amor transgressor; Dioniso, o amor pleno* (p.181)”.

Afrodite tem a fama de que se mantém vinculada aos seus parceiros enquanto durar seu interesse, ou o apaixonamento.

Um dos romances mais conhecidos da deusa é o seu caso com Ares. Afrodite enquanto estava casada com Hefesto, tem uma relação extra-conjugal com Ares.

Hefesto, desconfiado da traição de sua esposa com seu irmão, constrói uma rede de fios dourados e joga no leito dos amantes, aprisionando-os, tornando assim, o fato público. Porém Hefesto é ridicularizado, e fica com a fama de incompetente, com a imagem de não ter satisfeito Afrodite.

A relação de Afrodite e Ares é caracterizada por uma relação de fogo, na qual o desejo ardente está no topo do relacionamento.

“Afrodite e Ares possuem as mesmas características impetuosas. Ares pelo verbo, para se defender quando ameaçado, e Afrodite pelo apaixonamento, sem pudores, sem amarras para viver o desejo. Expressões opostas de uma mesma paixão, amor e ódio (Lindenberg, p.175, 2007)”.

Já o filho mais famoso de Afrodite é Eros, o deus do amor e do desejo. Entretanto, há outras versões: segundo Brandão (*apud* Lindenberg, , 2007), “*na obra de Hesíodo, Eros nasceu do Caos, juntamente com Géia e Tártaro, ou ainda numa variação da cosmogonia órfica, sua origem adviria de Nix, que pôs um ovo, donde nasceu o deus do amor, e, das duas metades da casca, nasceram Urano e Géia (p. 177)*”.

Diz a mítica que mãe e filho rodeiam o mundo, espalhando paixões e possibilitando uniões para fins de fertilizações (Lindenberg, 2007). Eros é um menino travesso que com sua flecha acerta corações de vítimas que ficam tomadas por paixões incontroláveis. Outra característica de Eros é que ele, por vezes, utilizava vendas, daí a expressão: o amor é cego.

4. RELACIONAMENTO AMOROSO: CAMINHO PARA A INDIVIDUAÇÃO

O desenvolvimento da personalidade só ocorre quando a pessoa escolhe seu próprio caminho, de maneira consciente – sendo que este não é o convencional e sim aquele que a própria pessoa percebe como o seu.

(C. G. Jung)

Desde o momento em que somos concebidos somos seres em relação: já no útero materno o bebê necessita da relação com a mãe e nos primeiros anos de vida esse contato é fundamental para sua sobrevivência; sendo assim as relações com o outro se estendem no decorrer de toda a nossa vida.

Para a psicologia analítica o ser humano é aquele que existe para alguém ou para alguma coisa, sendo assim ele necessita do outro para seu desenvolvimento tanto físico quanto psíquico.

Para tanto, os relacionamentos amorosos e conjugais são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade dos seres humanos.

De acordo com Moraes (2000),

“A união do homem e da mulher simboliza, de maneira privilegiada, a união de princípios universais opostos: o Masculino e o Feminino. Essa polaridade, e seu permanente anseio de integração, permitem intuir a possibilidade de um estado de completude. Movido pelo impulso em direção à totalidade, cada um dos pólos anseia pelo outro (p.63)”.

Dessa forma, a Psicologia Analítica nos traz que todos os relacionamentos começam por meio da projeção. A escolha do parceiro normalmente se dá por motivos inconscientes e instintivos (Jung 1875-1961). As projeções são conteúdos inconscientes de nossa personalidade que depositamos no outro. Jung (1875-1961) afirmou que para tornar-se consciente de si mesmo, o indivíduo deverá distinguir-se do outro.

Nos relacionamentos amorosos a projeção se dá por meio dos arquétipos da *anima* e do *animus*: a *anima* refere-se à projeção de conteúdos femininos da

personalidade do homem, em uma mulher, à medida que o *animus* são conteúdos masculinos da personalidade da mulher, que são projetados no homem.

Ampliando o conceito, nada melhor que as palavras do próprio autor da teoria, Jung (1875-1961),

“Cada homem sempre carregou dentro de si a imagem da mulher; não é uma imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher. Essa imagem, examinada a fundo, é uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas; é um “tipo” (“arquetipo”) de todas as experiências que a série de antepassados teve com o ser feminino, é um precipitado que se formou de todas as impressões causadas pela mulher, é um sistema de adaptação transmitido por hereditariedade. Se já não existissem mulheres, seria possível, a qualquer tempo, indicar como uma mulher deveria ser dotada do ponto de vista psíquico, tomando como ponto de partida essa imagem inconsciente. O mesmo vale para a mulher, pois também ela carrega igualmente dentro de si uma imagem inata do homem (p.203)”.

Inconscientemente buscamos na relação com o outro, o nosso lado oposto complementar, a fim de nos sentirmos completos e atingir a totalidade. Esse encontro com o outro é de fundamental importância para o processo de individuação.

Os relacionamentos além de acontecerem no plano da consciência também ocorrem no plano do inconsciente. Como bem coloca Sanford (1986), *“(...) a anima e o animus são os **Parceiros Invisíveis** presentes em todos os relacionamentos humanos e em toda busca da plenitude individual por parte da pessoa (p.13)”.*

Naturalmente, projetamos no outro algo que desconhecemos em nós mesmos, e os conteúdos da projeção aparecem como sendo do outro e não nossos. Jung (1875-1961), afirmou que: *“a desunião consigo mesmo gera descontentamento e, como a pessoa não está consciente desse seu estado, procura geralmente projetar no outro cônjuge os motivos disso (p.199)”.*

Como percebemos ao nos relacionar, grande parte do inconsciente está envolvido em nossas escolhas; para tanto o importante é sempre buscarmos o autoconhecimento, para sabermos o que verdadeiramente é nosso e o que é realmente do outro.

Sanford (1986) referindo-se ao autoconhecimento diz que *“trata-se de utilizar as projeções como espelhos, uma tarefa que é possível mediante o uso dos conceitos psicológicos de Jung (p.19)”*. E nos lembra que *“afastar as projeções não significa que elas nunca mais ocorram, mas que consigamos compreendê-las e considerá-las como imagens existentes dentro de nós, quando elas entram em ação (p.11)”*.

Sendo assim, percebemos que as projeções ocorrem naturalmente; elas são responsáveis pelo envolvimento de homens e mulheres, ela não é boa nem má, porém para um relacionamento saudável é necessário nos atentarmos como estamos trabalhando e lidando com as nossas projeções.

A possibilidade do confronto com aspectos sombrios dentro do relacionamento é fundamental para o indivíduo, pois abre caminhos para que o cônjuge restabeleça, cada vez mais profundamente, a conexão com seu padrão pessoal, muitas vezes rejeitado (Benedito, 1996).

Como afirma Sanford (1986), *“sem haver desenvolvimento individual por parte das duas pessoas, não pode ocorrer um verdadeiro relacionamento (p.42)”*; é fundamental em um relacionamento compreender e aceitar as diferenças do outro. E Sanford (1986) prossegue, afirmando que *“tornar-se consciente ou atento conhecedor dos conteúdos do inconsciente é a maneira mais segura de estabelecer um relacionamento (p.47)”*.

Em muitos relacionamentos percebemos projeções negativas da *anima* e do *animus*, e estas projeções estão diretamente relacionadas à falta de percepção do seu lado feminino, por parte do homem, e do seu lado masculino por parte da mulher, que são simplesmente externalizadas no e para o outro, não sendo reconhecidas como parte do si-mesmo.

Sanford (1986) nos mostra que,

“(...) a projeção correta da anima é interna, não externa. Ela desempenha o papel de uma função do relacionamento entre a consciência de um homem e o inconsciente, não de uma função do relacionamento entre um homem e outras pessoas (p.56)”.

Essa afirmação se estende para os aspectos inconscientes do *animus* na mulher, que é interno e não externo.

Sendo assim, quanto mais conscientes estivermos de nossos conteúdos internos e o compreendermos, mais saudável será o nosso relacionamento com o outro. Segundo Hollis (*apud* Escaleira, 2004), *“a qualidade de todos os nossos relacionamentos depende diretamente da qualidade da relação que temos com nós mesmos (p.14)”*.

Parece loucura, mas se paramos para pensar, costumeiramente nos apaixonamos por nós mesmos, já que o que vemos no outro não é o outro em sua essência, mas sim conteúdos nossos que projetamos nele.

É como acontece na paixão: não vemos o outro como ele realmente é, mas vemos aspectos nossos que são projetados no ser pelo o qual estamos apaixonados. Para tanto, como coloca Hollis (*apud* Escaleira, 2004),

“ser capaz de um amor real significa amadurecer, tendo expectativas realistas em relação às outras pessoas. A grande tarefa da relação amorosa, iniciada pela paixão, é a integração pelo homem de sua Anima e da mulher por seu Animus, assim transformando a paixão em amor (p.17)”.

A vivência do amor traz a experiência da alteridade; logo, por meio dele, somos capazes de conhecer o outro como ele realmente é, e assim, será possível respeitar a individualidade e as diferenças.

Como bem coloca Moraes (1994),

“O encontro amoroso concreto de um homem e uma mulher é correspondente externo do encontro interno do Masculino e Feminino, necessário para que o indivíduo atinja sua própria inteireza. Assim considerado, esse encontro assume papel importante no processo de individuação ao permitir à pessoa o encontro / confronto com o que lhe é oposto e complementar (p.18)”.

A experiência da paixão consiste na fusão com o outro; já ao vivenciar o amor reconhecemos o outro em seu ser, como sendo outro indivíduo, separado de nós. Como bem coloca Escaleira (2004), *“na relação com o outro se percebe a relação entre duas individualidades, que se encontram e se conhecem como tais, graças ao espaço criado pelo relacionamento (p.18)”*.

Para que a experiência do amor seja realmente o caminho para o processo de individuação, devemos estar cientes de nossas necessidades, de nossos limites, de nossos desejos e de nossos conteúdos inconscientes. Dessa forma poderemos nos relacionar verdadeiramente com o outro, percebendo-o como um indivíduo separado de nós e dando-lhe a liberdade de viver de acordo com suas necessidades.

Ao ponto que, como afirma Sanford (1986),

“o lado obscuro e negativo de tais figuras interiores aumentam em dimensões na medida em que são mais ignorados. Nós nos ajudamos mais quando nos voltamos para a anima e o animus, e não quando fugimos deles; ao nos voltarmos para eles, encarando-os, começamos uma nova evolução psicológica que irá levá-los em consideração (p.80)”.

Como bem coloca Moraes (2000), *“a capacidade de enxergar o outro como realmente é, e assumir como suas as características inicialmente nele projetadas, implica uma relação de alteridade só possível com o auto-conhecimento adquirido na maturidade (p.72)”.*

Por meio da relação com o outro podemos tornar conscientes aspectos do nosso inconsciente, e assim compreender e aceitar o que é nosso e respeitar as diferenças do que é do outro; o outro será um espelho para que nos conheçamos e desenvolvamos cada vez mais, a caminho da individuação, e não simplesmente projetaremos no outro nossas ânsias e desejos, como se esse existisse apenas para satisfazê-los.

5. MÉTODO

Utilizaremos como método de pesquisa, o modelo qualitativo. Nosso objetivo é investigar e compreender as transformações e as necessidades femininas que estão presentes nos relacionamentos conjugais e amorosos constituídas em dois momentos históricos: as décadas de 40/50, do século XX e a contemporaneidade.

Para tanto realizamos um estudo teórico, fazendo intersecções entre os pressupostos da Psicologia Analítica com foco nas Deusas Gregas, como arquétipos, e a compreensão das relações amorosas nos dois momentos escolhidos.

Considerando o método proposto por Jung, que consiste na compreensão de conteúdos inconsciente por meio da decodificação de conteúdos simbólicos, buscaremos a compreensão das manifestações das Deusas Gregas em momentos constitutivos da vida de uma mulher.

Como bem coloca Penna (2003),

“O método proposto por Jung para a compreensão do material inconsciente envolve a decodificação da linguagem simbólica através da interpretação de seu significado para a personalidade como um todo. A meta da interpretação é propiciar a integração de conteúdos inconscientes na consciência, ou seja, produzindo autoconhecimento e favorecendo o processo de individuação. A integração ou assimilação do conhecimento novo depende de um processo de elaboração pela consciência (p.195)”.

Para a Psicologia Analítica, o mito está ligado ao primeiro conhecimento que o ser humano adquiriu de si e de seu meio, demonstrando ainda a estrutura desse conhecimento.

Segundo Byington (*apud* Brandão, 200),

“Os mitos (...) delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo. (p.9)”.

Campell (1904-1987) afirma que,

“Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade (p.24)”.

Para tanto é relevante, a escolha do estudo das deusas gregas para compreender as manifestações arquetípicas nas mulheres de ontem e de hoje, já que há a significação de conteúdos ricos e fundamentais do inconsciente coletivo.

O processo de significação chama-se: amplificação simbólica. Como afirma Penna (2003), essa técnica foi desenvolvida por Jung na interpretação dos sonhos dos seus pacientes, e *“consiste em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo através de associações e analogias que fluem numa cadeia continua de similaridade, visando a traduzir e interpretar o material desconhecido no símbolo (p.195)”.*

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

As atitudes, pensamentos e sentimentos das mulheres são constituídos a partir de um modelo idealizado da época na qual as mesmas estão inseridas. Nesse modo de experienciar e vivenciar a vida poderão ser influenciadas pela ativação das deusas em momentos constitutivos de sua identidade e relacionamentos.

Os padrões arquetípicos de uma deusa que se constela nas mulheres influenciam não só a sua vida, mas também afetam outras pessoas com as quais as mesmas se relacionam, como por exemplo, marido, filhos ou amigos e também afetam a maneira como estas lidam com determinadas situações da vida, como casamento, maternidade e vida profissional.

Para a análise do presente trabalho, apresentaremos e discutiremos as manifestações arquetípicas das deusas individualmente, apenas para fim didático, já que é importante alertar que, como iremos perceber, ter ativado e cristalizado apenas um arquétipo traz conseqüências desastrosas para a vida de uma mulher, bem como para as pessoas envolvidas em seus relacionamentos.

Uma deusa pode tornar-se potencialmente ativa e nascer para a vida quando um arquétipo é trazido à tona por uma pessoa ou por um acontecimento. (Bolen, 1990).

A passagem da juventude para a vida adulta, um momento em que a mulher poderá optar pela vida profissional e/ou casar-se, poderá ser influenciado pelos arquétipos da deusa Atena, caso ela opte unicamente pela primeira ou por Hera, caso a segunda opção seja a única escolhida.

A compreensão do arquétipo da deusa que está ativado em um dado momento da vida de uma mulher contribui para a qualidade de suas relações e para o autoconhecimento. Dessa forma a mulher poderá lidar melhor com os aspectos da deusa ativada em si.

Na Grécia Antiga, as pessoas costumavam invocar e fazer oferendas às deusas, a fim de obter aspectos importantes de determinado(a) deus(a) e que possivelmente estavam pouco desenvolvidos em seu interior.

No decorrer de nossas vidas somos atravessados por diversos(as) deuses(as). E se refletirmos sobre a história de nossa vida iremos perceber que em dados momentos os aspectos de determinados(as) deuses(as) se fizeram mais presentes do que aspectos de outros.

Bolen (1990) nos traz que,

“A meia-idade é uma época de transição, e freqüentemente conduz a uma troca de deusas. Aproximadamente na idade entre 35 e 45 anos, o arquétipo prevalente mais forte dos anos antecedentes enfraquece a sua intensidade, permitindo que apareçam outras deusas (p.62)”.

Como pudemos perceber no decorrer dos estudos, fica evidente que no passado as mulheres exerciam papéis claramente definidos e impermeáveis, como o papel de esposa, mãe ou filha. As relações conjugais eram verticalizadas, ou seja, não havia espaço para o diálogo e simetria entre os casais. Sendo assim, poderíamos dizer que as deusas que predominantemente as atravessavam naquele momento eram as deusas vulneráveis: Hera, Deméter e Perséfone.

Bolen (1990), afirma que, quando essas deusas são arquétipos dominantes na psique de uma mulher, *“a atração motivacional é o relacionamento, mais do que o empreendimento, a autonomia ou uma nova experiência (p.192)”.*

Dessa forma, saber a regência do arquétipo e entender a maneira como a mulher lida com os relacionamentos a depender da época, nos possibilita o entendimento e desenvolvimento do si-mesmo.

Por meio do estudo: A biografia feminina e a história das relações amorosas – “O vôo da fênix”, Hime (2004), concluiu que das vivências amorosas vão surgindo várias imagens de Feminino: os papéis de namorada e esposa foram centrais na definição do si-mesmo, compondo-se com outros, como filha, mãe, profissional, amiga.

Desta forma percebemos a relevância do presente estudo para compreendermos as manifestações arquetípicas das deusas e os relacionamentos amorosos das mulheres para uma descoberta contínua do si-mesmo.

A mulher que tem constelado o arquétipo de Hera sente-se completa ao relacionar-se e tem a facilidade de estabelecer esse elo, de ser fiel, de suportar e passar por dificuldades em seu relacionamento com o companheiro. Ao ponto que a mulher que não tem esse arquétipo bem desenvolvido terá dificuldades em fixar-se nas relações, trocando de parceiros à medida que as dificuldades aparecem.

Para a mulher tipo Hera os filhos não são o foco de sua atenção e investimento, eles são complementares no seu papel como esposa. Para que a

função materna seja desempenhada tranquilamente é fundamental que o arquétipo da deusa Deméter esteja também ativado. Para se sentir realizada a mulher com ativação do arquétipo de Hera tem que se sentir reconhecida como esposa, ou seja, não basta apenas estar casada.

Contudo, independentemente da insatisfação com o casamento a mulher com a constelação forte do arquétipo de Hera, relutará até o fim para procurar um divórcio, já que ela preza o casamento. Uma separação ou um divórcio por iniciativa do marido pode se tornar um momento de muito pesar e sofrimento.

Essa atitude de preservação do casamento era bastante comum no passado, quando a mulher aceitava muitas frustrações e desgostos, mas mantinha a união a todo custo. “Custasse o que custar”, o lema era: preservar o casamento.

“A grande ameaça que pairava sobre as esposas era a separação. Além do aspecto afetivo, as necessidades econômicas – dependência do marido provedor – e de reconhecimento social – mulheres separadas eram mal vistas pela sociedade e a realização da mulher passava pelo casamento - também pesavam a favor da manutenção do casamento a qualquer custo (Bassanezi, 2001, p.631)”.

Esta dinâmica de relacionamento era característica do amor romântico, vigente do século XVIII até a segunda metade do século XX: esta narrativa social caracterizava-se pela busca da pessoa especial, que traria ao indivíduo a sensação de completude, como se representasse a “metade da maçã”. O casal caracterizava-se pelo binômio homem provedor – mulher cuidadora: era complementar e sua relação era hierárquica, tendo o homem o poder negado à mulher. Essa díade mantinha a organização social. (Giddens, 1993).

Porém, deve-se ressaltar que essa atitude era predominante na época, mas pode ser generalizada, pois ainda hoje vimos resquícios dessa idealização de amor. Bassanezi (2001) afirma que, *“isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas (p.608).”*

Dessa maneira, percebemos que o meio social exercia fortes influências nas escolhas das mulheres da década de 40/50. As que tentaram burlar as expectativas

da sociedade e atendiam seus próprios desejos e anseios sofriam repressões e até mesmo exclusões.

“Em todos os casos, as mulheres eram aconselhadas a controlarem suas frustrações, fugirem das tentações e, dominando seus impulsos, manterem-se fiéis aos maridos, mesmo que eles não agissem do mesmo modo. O remorso, a vergonha moral e os riscos de perder o marido, os filhos e o respeito social não compensariam o prazer enganoso e fortuito da aventura extraconjugal (Bassanezi, 2001, p.635)”.

Na contemporaneidade, *“o casamento – para muitos, mas de forma alguma para todos os grupos na população – tem-se voltado cada vez mais para a forma de um relacionamento puro, com muitas outras conseqüências (Giddens, 1993, p.69)”.*

Segundo Giddens (1993), o relacionamento puro ele é livre, se constitui pelo compromisso de ambos os cônjuges, e só se mantém enquanto ambas as partes considerarem que extraem dessa relação satisfações suficientes, contudo pode ser terminado a qualquer momento.

Além do arquétipo do matrimônio se expressar na satisfação da necessidade de ser cônjuge e um reconhecimento exterior entre marido e mulher, também expressa-se no nível místico, como a busca da totalidade por meio do matrimônio sagrado (*hierosgamos*). Trata-se de uma experiência numinosa, em que as polaridades se integram: o masculino e o feminino, a razão e a emoção, o relacional e a individualidade (Woolger e Woolger, 1987-1989). Portanto, abre caminhos para o processo de individuação.

Contudo, a polarização de papéis, que ocorreu no passado, impossibilitava a mulher de ter uma percepção do si mesmo, pois como pudemos perceber a mulher não tinha a liberdade de expressar realmente os seus desejos, já que havia uma sociedade repressora e que valorizava o homem.

Como bem retrata Del Priore (2005), *“era indisfarçável o conformismo da maioria das mulheres diante da condição de sujeição imposta pela lei e pelos costumes: serva do marido e dos filhos, sua única realização aceitável acontecia no lar (p.248)”.*

Ao homem era permitido usufruir o espaço público, exercer suas atividades e realizar seus desejos, enquanto que à mulher era imposto o espaço privado, o lar, e

exercer suas funções com o intuito de favorecer e beneficiar ao marido. A mulher que se tornasse pública, na época, era mal vista e considerada prostituta.

A percepção dos arquétipos que estão mais ou menos desenvolvidos contribui para a qualidade das relações, já que a mulher passa a compreender o que acontece em seu interior, e tornando-se mais consciente de si.

O indivíduo que não consegue tomar para si aquilo que constitui parte de seu mundo interno fica perdido de si mesmo, e acaba ficando refém de suas próprias projeções no outro, ou seja, permanece numa busca incessante em achar-se no outro e dessa forma compromete-se a si e as suas relações. (Benedito, 1996).

A meia idade pode ser um momento muito importante para a mulher com o arquétipo de Hera constelado, já que ela poderá viver casamentos estáveis com homens que já alcançaram o sucesso profissional. Em contrapartida se essa mulher estiver divorciada, solteira ou viúva, poderá ser muito infeliz e não ver significação para a sua vida. Para tanto ressaltamos a importância do autoconhecimento para que os arquétipos de outras deusas sejam ativados, a fim de possibilitar à mulher outras significações, experiências e a construção de novas identidades para sua vida.

O arquétipo de Deméter está ligado ao arquétipo materno, que consiste em ser provedora de alimento, proteção, segurança, acolhimento. Na gravidez, muitas mulheres têm ativação desse arquétipo em sua psique.

A mulher que zela, provê a subsistência e tem satisfação ao amamentar tem presença forte do arquétipo de Deméter. Contudo, uma mulher que tem consciência de que esse arquétipo é predominante deve-se atentar para as suas relações, já que ela tende a esquecer-se do companheiro com a chegada de um bebê, pois a mulher se sente completa e realizada com a sua chegada, deixando em segundo plano todos outros aspectos do Feminino.

Ao relacionar-se com o outro a mulher tipo Deméter tende a ser quem nutrirá, sustentará o relacionamento, ela é extremamente prestativa e se doa para a relação. Porém, a mulher tem que cuidar para que não se torne uma substituta da mãe do companheiro, e dessa forma, esquecer-se de seu lado de esposa, da sua sexualidade e da sua feminilidade, assim como da sua autonomia.

No passado era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com a chegada do casamento ou de um filho. Entretanto na contemporaneidade a mulher tende a trabalhar fora do lar: a mulher com o

arquétipo de Deméter ativado se sentirá pressionada se tiver que enfrentar o trabalho numa empresa ou uma atividade externa ao lar.

As mulheres que têm ativado o arquétipo de Deméter são as que mais sofrem com a “depressão do ninho vazio”, que Bolen (1990) descreve como “*a relação das mulheres que devotaram suas vidas aos filhos só para tê-los afastando-se delas (p.267)*”. Sendo assim, muitas inconscientemente, tornam seus filhos verdadeiros reféns, dificultando seu crescimento, que implicaria em diferenciação e discriminação da família de origem. Esse é um aspecto negativo da mulher que tem predominância desse arquétipo, a mulher se torna uma mãe super-dominadora com a intenção de proteger o filho. Outro modelo que limita o desenvolvimento dos filhos é a mãe que não diz não ao filho, a fim de evitar culpas, dessa forma a criança pode crescer sem um referencial de limites, ou apartada de suas necessidades, pois são supridas antes de se manifestarem.

Para a mulher que tem predominante o arquétipo de Deméter constelado, diferente da constelação do arquétipo de Hera, o casamento só torna-se importante pelo objetivo de tornar-se mãe. De acordo com os ditames religiosos, esse tipo de mulher pensa no sexo com o único objetivo de procriação e não como algo em que se possa ter prazer.

Para que a mulher se guie a caminho da individuação, é fundamental que ela tenha consciência de suas fraquezas e dos conteúdos que perpassam seu inconsciente, para que dessa forma ela se abra para experienciar e ativar potencialidades de outras deusas que estão em sua constelação inconsciente.

Da mesma forma que utilizamos várias personas no decorrer de nossas vidas, a fim de nos adaptarmos ao mundo externo, é necessário que a mulher deixe fluir os arquétipos das deusas em sua psique, para que desenvolva livremente sua feminilidade e assim realize escolhas de papéis que melhor se adaptem a cada circunstância de sua vida.

Como bem coloca Hime (2004),

“A feminilidade se expressa tanto pelo papel de cuidadora que atua no domínio privado, quanto de empresária que se afirma e é reconhecida no âmbito público e por várias composições entre autonomia e a relação com o outro. A realização pessoal pressupõe o exercício da individualidade e também o desenvolvimento da relação (p.132)”.

A mulher com a ativação do arquétipo da deusa Perséfone, tende a ser uma mulher mais passiva e dependente, que deverá ser conduzida pelo outro, como no mito que Coré-Perséfone é raptada por Hades.

Podemos dizer que, no passado, a mulher que tinha predominância desse arquétipo estava adequada aos anseios sociais, pois como bem coloca Bolen (1990),

“(...) a cultura em que vivemos [mais no passado do que na contemporaneidade] também condiciona as garotas a equacionarem a feminilidade com o comportamento passivo e dependente. Elas são encorajadas a agirem como Cinderela, esperando a vinda de um príncipe, ou como Bela Adormecida, esperando serem acordadas (p.279)”.

Porém devemos refletir sobre as conseqüências que esse modelo de mulher passiva pode trazer para a construção da personalidade feminina. A passividade e a dependência são problemas íntimos para muitas mulheres, à medida que esse arquétipo é reforçado pelo meio social, outros aspectos da personalidade da mulher tendem a não se desenvolver (Bolen, 1990).

Este padrão de relacionamento era o característico do amor romântico, que privava a mulher do desenvolvimento de sua independência no espaço público, alocando-a no espaço privado onde se tornava especialista nas questões relativas à intimidade (Giddens, 1995).

Contudo, como nos mostra o mito, a mulher com o arquétipo de Perséfone ativado, tende a ter uma habilidade para movimentar-se, já que no mito ela foi raptada por Hades e conduzida ao Inferno e por lá ter comido as sementes de romã, não pode voltar totalmente para a sua mãe (Deméter), devendo permanecer parte do ano com Hades e parte do ano com sua mãe. *“Cada vez que Perséfone ressurgue na psique da mulher, mais uma vez lhe é possível se tornar receptiva a novas influências e mudar (Bolen, 1990, p.284)”.*

Com relação ao casamento uma mulher com esse arquétipo constelado, pode ficar na dúvida entre casar ou não casar, ela tende a ser movida pela ação do outro, e é bastante influenciada pelo social, que dita que o casamento é o que ela deverá assumir. Essa característica deve-se ao forte papel de filha que o arquétipo de

Perséfone traz, afinal no mito ela só assume o papel de esposa ao ser raptada por Hades, ainda assim a ela é concedida um terço do ano de permanência com a mãe, ou seja, sendo filha.

No passado, eram comuns os casamentos arranjados e a escolha dos esposos pela família e não pela mulher; sendo assim, podemos perceber que as características desse arquétipo eram compatíveis com as expectativas da sociedade daquele momento.

Reconhecer, compreender e trabalhar a ativação do arquétipo de Coré-Perséfone em si permite à mulher crescimento e desenvolvimento de sua personalidade. Viver como Coré representa uma mulher eternamente jovem, que não se compromete com suas escolhas. Porém, sabemos que as escolhas são fundamentais para uma vida adulta, possibilitando a mulher tornar-se protagonista de sua própria história de vida e não ficar a mercê das escolhas dos outros, o que pode ser arriscado e tornar a vida sem sentido.

A mulher que não perceber o aspecto de indecisão que a manifestação do arquétipo de Coré-Perséfone carrega, poderá ter dificuldades de realizar escolhas e assumir compromissos, como: casar ou não casar; realizar-se profissionalmente ou abandonar o emprego. Para tanto é fundamental olhar para a manifestação desse arquétipo e permitir que outros arquétipos se manifestem, como os: das deusas Hera e Atena, a fim de atenuar a indecisão e passividade, características do arquétipo de Coré-Perséfone.

Bolen (1990) coloca que, *“para assumir um compromisso, a mulher tipo Perséfone deve lutar com a Coré que há nela. (...) Se ela assume, o casamento pode transformá-la gradualmente de eterna jovem em mulher amadurecida (p.303)”*.

Dessa forma, podemos entender o relacionamento como um forte condutor para a individuação, tornando essa relação complementar.

Como afirma Benedito (1996),

“Quando um relacionamento amoroso é capaz de se sustentar de tal forma que os parceiros possam, ao longo do tempo, reformular a base idealizada sobre o qual a relação se constituiu, então a paixão que os aproximou e os uniu tinha, na sua essência, a semente de um encontro fértil, capaz de favorecer o desenvolvimento de duas personalidades que, juntas, se multiplicam (p.24)”.

As palavras de Benedito (1996) nos remetem mais uma vez ao mito de Coré-Perséfone, em seu relacionamento com Hades: ele dá à deusa as sementes de romã, que é o símbolo da fertilidade, da fecundidade que possibilitará o desenvolvimento da personalidade da deusa, tornando-a mulher, capaz de estabelecer contato com as profundezas inconscientes e também alimentar-se do amor materno.

Com o passar das décadas foi se construindo uma nova possibilidade de identidade para a mulher e a maneira de escolher: manter ou romper seus relacionamentos. Giddens (1993) traz a idéia do “amor confluyente”, que entra em choque com as categorias do ideal romântico, que são: “para sempre” e “único”. O amor confluyente refere-se à possibilidade real do encontro com o outro, não se busca mais a pessoa especial, mas a relação especial.

A abertura de um ser em relação ao outro, condição para experienciar o *amor confluyente*, só ocorrerá no momento em as projeções são retiradas, para o outro seja visto na sua individualidade e diferenciação. Dessa forma, o *amor confluyente* permite que se desenvolva a intimidade entre os amantes, e para tanto, é preciso estar-se vulnerável a esse outro.

As transformações ocorridas nas décadas de 60-70 do século XX foram fundamentais para a constituição de uma nova mulher: a sua entrada em massa no mercado de trabalho, a legalização do divórcio, a descoberta dos métodos anticoncepcionais, entre outros.

Dessa forma, na contemporaneidade, podemos relacionar as deusas virgens e a deusa alquímica como manifestações arquetípicas nas mulheres. As deusas virgens se caracterizam por apresentarem aspectos ativos e independentes da personalidade feminina. E a deusa alquímica tem o aspecto da transformação.

O arquétipo de Ártemis é a personificação do feminino independente e competitivo. A mulher com a ativação desse arquétipo tende a procurar seus próprios objetivos e realizar suas próprias escolhas, não há a necessidade do homem para que a mulher com esse arquétipo sinta-se completa.

A deusa traz consigo o símbolo de um arco, que simboliza sua determinação e precisão ao tomar suas decisões e traçar seus objetivos, ela mira o alvo e o atinge.

As mulheres com forte presença do arquétipo de Ártemis evitam expressar vulnerabilidade e buscam a todo o momento demonstrar a sua independência.

Dessa forma, precisam cuidar de alguns aspectos de sua personalidade, que podem ser um tanto destrutivos para seus relacionamentos.

Por exemplo, as mulheres tipo Ártemis tendem a se tornarem fortes competidoras dentro do relacionamento. Bolen (1990) retrata esse aspecto da deusa nas mulheres como no mito de Ártemis e Órion, que consiste em uma mulher – tipo Ártemis – que se apaixona por um homem forte e ela, por se sentir incapaz de manter sua competitividade fora do relacionamento, o destrói. Se o parceiro consegue algum reconhecimento e sente-se contente, ela se ressentida do seu sucesso e encontra um meio para derrotá-lo. Sendo assim, esse espírito competitivo corroerá o amor que ele sente por ela.

Para tanto, se o casamento ocorrer para a mulher com ativação do arquétipo de Ártemis, normalmente o companheiro deverá estar à sua altura, ou seja, ser um competidor. E o relacionamento tenderá a ser horizontal, ou seja, de relações de igual para igual. Caso no relacionamento a mulher tipo Ártemis sentir que o homem tornou-se dependente dela, deixando de lado o espírito competitivo, ela pode rapidamente se desinteressar por esse homem.

Concluindo, o homem tem que estar ao seu nível, mantendo o espírito competitivo sem rebaixá-la e sem se rebaixar perante ela.

A sexualidade é algo secundário para as mulheres com o arquétipo de Ártemis ativado: elas se envolvem muito mais com a carreira, com projetos ou causas. Para tanto, consideramos que a influência do arquétipo da deusa Afrodite é fundamental para despertar o interesse sexual da mulher tipo Artémis, quando essa for casada ou enquanto estiver se relacionando com um homem.

Como a sexualidade, o casamento não é seu objetivo, como é para a mulher que tem ativado o arquétipo de Hera, seu interesse está na sua carreira e no seu desenvolvimento pessoal. Porém, caso o casamento ocorra na vida de uma mulher com forte ativação do arquétipo de Ártemis, para que a relação com o cônjuge seja satisfatória o arquétipo de Hera também deverá permanecer constelado.

Sem essas duas deusas a mulher tipo Ártemis terá a sensação de estar casada com um irmão, devido à assexualidade e o descompromisso para com o relacionamento (Bolen,1990).

A gravidez em si pode ser repugnante para as mulheres com a ativação do arquétipo de Ártemis, contudo ela gosta de crianças e pode se tornar uma boa mãe, já que encoraja os filhos para a independência e os ensina a se defender.

Bolen (1990) afirma que,

“Viver ‘como Ártemis’, em perseguição de um objetivo ou focar no trabalho, pode ser bastante satisfatório para a mulher tipo Ártemis. Ela caracteristicamente pode não sentir carência em sua vida, especialmente se for capaz de investir sua energia considerável no trabalho que tenha um profundo significado para ela (p.105)”.

A mulher que se conscientiza de que o arquétipo de Ártemis está constelado em sua psique, deverá olhar cuidadosa e atentamente para alguns aspectos da deusa, como o aspecto da raiva destruidora – como vimos na competição com parceiros amorosos – que é característico desse arquétipo. É importante que esse aspecto seja compreendido; a mulher deve entender como um aspecto de si mesma, ao qual deve por fim ou transformá-lo antes que essa destrutividade a consuma, a prejudique e arruíne seus relacionamentos. A mulher pode tornar-se consciente de que também é alguém com defeitos humanos, e não, simplesmente uma deusa vingadora (Bolen, 1990).

Podemos perceber que há fortes projeções das mulheres, com ativação do arquétipo de Ártemis, em seus parceiros. Contudo, a mulher que se sabe com forte ativação desse arquétipo deve estar atenta a essas projeções, a fim de amenizá-las para que seja possível a relação com o outro sem o destruir, como bem coloca Benedito (1996):

“Não é fácil para o ser humano abrir mão de seus desejos e fantasias, ou mesmo transformá-los na direção de uma reformulação que atenda as necessidades mais atuais, o que poderia favorecer, no encontro com o parceiro, uma relação cada vez mais diferenciada e profunda. Mas esse movimento exige maturidade (p.24)”.

Para que a mulher com ativação do arquétipo de Ártemis se relaciona de forma saudável, ela deverá experimentar a vulnerabilidade das outras deusas; cultivar um potencial menos consciente; ser receptiva e orientada para o relacionamento, a fim de aprender o amor e interessar-se pelo outro e aceitá-lo da forma como ele se mostra.

É importante percebermos também como o meio social reforça algumas manifestações arquetípicas em determinadas áreas de relacionamentos, ou em alguns momentos da vida. Na contemporaneidade, o aspecto competitivo da deusa Ártemis tende a ser reforçado no meio corporativo, ou seja, no mercado de trabalho, já que impulsiona a mulher, a cada vez mais, querer assumir cargos de lideranças, competindo com homens e mulheres a sua altura.

Outra deusa virgem, cujos aspectos arquetípicos também são reforçados na contemporaneidade é a deusa Atena, essa é a deusa da razão, da sabedoria, que realiza estratégias e soluções práticas, possui mente lógica.

Como já dito anteriormente todos os movimentos ocorridos nas últimas décadas como entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, o surgimento da pílula anticoncepcional e a legalização do divórcio, possibilitaram uma maior liberdade das manifestações arquetípicas da deusa Atena.

“(...) é extraordinário quando refletimos que, ao longo da história, as mulheres puderam conhecer diretamente em sua vida várias outras deusas, ainda que não todas. A maioria delas vivenciou o poder de Deméter ao se tornarem mães, assim como muitas conheceram a paixão de Afrodite ao se apaixonarem. Mas vivenciar o poder de Atena foi, até recentemente, algo muito raro (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.50)”.

Na contemporaneidade a mulher Atena se orgulha de sua independência e do distanciamento das amarras do modelo patriarcal. E como bem colocam Woolger e Woolger (1987-1989), a mulher Atena *“tende a se sentir insultada com simples idéia de que talvez traga dentro de si algo de um sistema tão degenerado. É isso que acontece com as mulheres-Atena feministas (p.55)”*.

A deusa traz consigo um escudo no braço e uma espada na mão, que simbolizam proteção e prontidão para a ação, ou seja, o planejamento e a execução, a fim de proteger seus heróis. A deusa também nasce vestida com uma couraça, que como coloca Bolen (1990), representa

“as defesas intelectuais, que conservam a mulher longe do sofrimento, tanto do próprio como dos outros. No meio da agitação emocional ou cruel luta corpo-a-corpo, ela permanece impermeável ao sentimento enquanto observa,

qualifica e analisa o que está acontecendo, e decide o que fará depois (p.126)”.

Woolger e Woolger (1987-1989), com relação a esses elementos simbólicos que Atena carrega, afirmam que,

“A armadura é a metáfora que descreve psicologicamente um ego bem-definido, sendo aplicável a quem, qualquer que seja seu sexo, não for facilmente derrubado por críticas ou ataques a seu caráter ou a sua competência. A personagem-Atena é sempre capaz de encontrar uma resposta à altura e de transformar um confronto em algo vantajoso. Mas não é apenas defensiva; ela é agressivamente autoconfiante (p.58)”.

Quanto ao relacionamento com os homens, tanto para as mulheres regidas pelo arquétipo de Atena, quanto para as mulheres regidas pelo arquétipo de Ártemis, esse aspecto é secundário em sua vida. O casamento para elas é mais uma parceria do que uma união permeada pela paixão, como é para as mulheres com o arquétipo da deusa Afrodite ativado. Segundo Bolen (1990), *“quando as mulheres não tinham muita oportunidade de serem bem sucedidas em suas próprias carreiras, muitas mulheres Atenas faziam bons casamentos (p.140)”.*

Mulheres com ativação do arquétipo de Atena têm foco e demandam maior parte de sua energia em sua carreira profissional; logo, também precisam da ajuda dos arquétipos de Afrodite e Hera para um relacionamento satisfatório com o masculino.

Na contemporaneidade, podemos pensar as transformações que ocorrem com os homens diante desse novo cenário e da atitude da mulher. Por exemplo, a mulher tipo Atena, diferentemente de décadas passadas, sai do âmbito privado e compartilha com os homens o âmbito público, exercendo profissões semelhantes e até mesmo atuando em cargos de liderança. Eles são chamados a rever a imagem de mulher que haviam construído e a se relacionar de novas maneiras com a nova mulher.

Atualmente, percebemos que os papéis assumidos por homens e mulheres estão bem mais flexíveis já que à mulher é dada a possibilidade de trilhar uma carreira em grandes instituições, ou até mesmo administrarem o próprio negócio, ao

mesmo tempo em que os homens colaboram com elas começando a executar atividades que antes eram exercidas, exclusivamente, pelas mulheres, como: cuidar dos filhos e da casa. Portanto, alteram-se as projeções anteriores, sendo que homens e mulheres têm espaços públicos e privados a ocupar.

Contudo, com as transformações ocorridas nas últimas décadas a mulher passa a exercer a tripla jornada, tentando conciliar a carreira com o cuidado da casa e dos filhos. Devido às dificuldades de conciliar essas três grandes tarefas, percebemos que muitas mulheres estão optando inicialmente por se realizar na carreira para só depois exercer a maternidade. Porém, nem sempre esse desejo é realizado, já que a estabilidade na carreira pode se dar num momento do ciclo vital em que a mulher não é mais fértil.

Com relação ao ciúme, diferentemente da mulher tipo Hera, que é extremamente vingativa e sofre com a possibilidade de uma traição, a mulher com a constelação do arquétipo de Atenas pode racionalizar e aceitar o fato de uma amante, porém, enquanto o casamento em si não for ameaçado (Bolen, 1990).

A mulher com ativação do arquétipo de Atenas, não sofrerá tanto em uma situação de divórcio e não relutará caso esse fato aconteça: ela tende a lidar com a situação com pouca emoção ou pesar, até mesmo se a decisão for do parceiro.

Bolen (1990), bem descreve como uma mulher com o arquétipo de Atenas ativado lida com as situações da vida,

“no casamento (grifo nosso) (...) cada qual tem sua profissão, usualmente negligencia os assuntos domésticos, contrata auxílio eficiente, dá a impressão de ser uma super-mulher enquanto cuida de sua própria carreira e de seu lar, trabalha como aliada de seu marido e como valorosa confidente (p.144)”.

A mãe com ativação do arquétipo de Atenas, ao contrário de Deméter, que impede o crescimento de seus filhos, ela almeja a chegada da idade mais madura de seus filhos, para poder planejar e construir projetos com eles.

Como no mito, em que Atenas está sempre ao lado dos heróis, com os filhos ela não será diferente: ela cria heróis para acompanhá-la, sendo assim, *“ela está apta a reforçar o comportamento masculino estereotipado em seus filhos, dando-lhes cedo a mensagem de que ‘homem não chora’* (Bolen, 1990, p.144)”. Ao

contrário de Deméter a mulher com ativação do arquétipo de Atenas não lamenta o ninho vazio, ela poderá usufruir esse momento de sua vida para estudar e realizar projetos.

O caminho para o crescimento e o autoconhecimento das mulheres que têm o arquétipo de Atena ativado é voltar-se para si mesma, para seu interior e tentar penetrar em seu inconsciente. Bolen (1990) sugere que quando a mulher estiver *“vivendo um momento emocional, ela deve tentar permanecer nele e deixar que os outros a confortem. Para redescobrir sua criança perdida, ela precisa brincar e rir, chorar e ser acariciada (p.156)”*.

O mito da deusa Atena nos traz que, ela nasceu desprovida de mãe, já que o seu pai Zeus engoliu Métis. Atena nasce adulta que demonstra que ela não vivenciou sua fase de criança; a deusa nasce da cabeça do pai, simbolizando sua propensão ao pensamento e racionalidade.

Para tanto, a mulher com o arquétipo de Atena, deverá cuidar de seus aspectos racionais e lógicos, e permitir a integração das emoções e dos sentimentos na consciência, de forma que ela melhor se relacione e lide com as emoções e os sentimentos do outro; a mulher com esse arquétipo ativado deverá buscar outras influências arquetípicas, a fim de obter esses elementos que lhes faltam.

A deusa Afrodite – deusa da beleza, do amor – é uma deusa alquímica, que possibilita transformações. As mulheres com esse arquétipo constelado vivem intensamente o momento, “o aqui e o agora”.

Segundo Bolen (1990),

“Nós experienciamos a alquimia de Afrodite quando nos sentimos atraídos por outra pessoa e nos apaixonamos; nós a sentimos quando somos tocados por seu poder de transformação e criatividade, nós a conhecemos quando apreciamos a capacidade que temos de transformar o que focalizamos em belo e apreciado porque está imbuído de nosso amor (p.320)”.

A mulher ao relacionar-se com o masculino, ou ao vivenciar uma paixão poderá certamente ativar o arquétipo da deusa Afrodite.

Esse arquétipo governa o prazer do amor e da beleza, da sensualidade e da sexualidade das mulheres. Contudo mais no passado, do que na atualidade, quando

ativado esse arquétipo, a mulher poderia ir no caminho inverso dos padrões morais sociais.

“Significa também que o patriarcado não pode pretender controlar a natureza essencialmente expansiva da energia feminina. Suprima-se a fecundidade da terra (Gaia) e ela ressurgirá novamente no tempo (Cronos) como uma energia erótica vibrante (Afrodite) (Woolger e Woolger, 1987-1989, p.121)”.

No passado, as mulheres que manifestaram e expressaram o arquétipo da deusa Afrodite, foram hostilizadas e marginalizadas. Bassanezi (2001) faz diversas referências a essa repugnância às mulheres Afrodite, da década de 40/50. Como por exemplo, esse que segue: *“ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidades com um homem (p.612).”*

A sexualidade para as mulheres que têm ativado o arquétipo de Afrodite é *“sinônimo de comunicação e comunhão; consumação pode falar de um ímpeto em direção à inteireza ou perfeição; união é associar-se como um, é conhecer, é compreender realmente um ao outro (Bolen, 1990, p.311)”*. A mulher Afrodite se envolve e se entrega inteiramente ao prazer e à relação sexual.

Na contemporaneidade a mulher com o arquétipo de Afrodite ativado poderá vivenciar o *amor confluyente* na sua mais plena totalidade. Retomando a idéia de Giddens (1993),

“O amor confluyente desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de tornarem-se sexualmente realizados; e presume o desaparecimento da distinção entre as mulheres ‘respeitáveis’ e aquelas que de algum modo estão marginalizadas da vida social ortodoxa. Diferentemente do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico, no sentido da exclusividade sexual (p.74)”.

Contudo, a mulher com a constelação do arquétipo de Afrodite desejará um filho, não porque ela quer ser mãe, como Deméter, mas exclusivamente devido ao seu desejo ou pelo desejo sexual com relação ao parceiro.

Bolen (1990) afirma que,

“A mãe tipo Afrodite sabe cativar os filhos, que a vêem como bonita e deslumbrante, mas se (faltando) Deméter ela não considera sua necessidade de segurança emocional e constância, será discordante, o que tem conseqüências negativas neles (p.346)”

Com relação ao casamento, podemos perceber, através de seus mitos, que a deusa Afrodite não era muito favorável a obter uma única e exclusiva relação, como pressupõe a instituição tradicional do casamento. Os mitos nos mostram que a deusa teve muitas aventuras amorosas e extraconjugais. Woolger e Woolger (1987-1989) nos trazem um aspecto da deusa que faz parte do inconsciente coletivo, bem como todos os mitos,

“O fato é que Afrodite fala a uma parte de todos nós que é basicamente ‘intolerante à monogamia patriarcal’, nas palavras de Jane Harrison. Pois quaisquer que sejam os benefícios do casamento enquanto instituição e fator civilizador, permanece em nós algo daquele poderoso anseio residual pelo antigo Eros matriarcal que Afrodite outrora regeu (p.132)”.

Alguns aspectos da deusa Afrodite apresentam-se como uma ameaça à sociedade patriarcal, devido às transformações que estes permitem, por isso vão contra o modelo patriarcal que requer a ordem. Dessa forma, percebemos porque a manifestação do arquétipo da deusa era tão repugnante no passado, e ainda hoje há interpretações negativas diante de algumas atitudes que as mulheres venham a ter; atribuem ao corpo a impureza, devido a rejeição patriarcal à natureza e vêem com maus olhos a liberdade para relacionar-se com diversos parceiros, pois a fidelidade honrava o marido, assim como a virgindade honrava o pai.

Contudo, a liberdade de expressão da mulher vem ganhando força na contemporaneidade: o valor não está apenas na permanência de um relacionamento, mas sim, na intensidade do momento e na qualidade dessas relações.

Na atualidade se não se fala tanto sobre a instituição casamento, não é por terem realizado uma transição bem sucedida para um futuro não doméstico, mas porque as mulheres passam a ser participantes de uma reorganização importante;

passa-se do casamento tradicional a outras formas de vínculo pessoal próximo. Falam-se mais das diversas maneiras de se relacionar, além do casamento tradicional; mais de satisfação atemporal, do que permanência (Giddens, 1993).

Giddens (1993), com relação à transformação da sexualidade, conceitua a sexualidade plástica, que é, *“a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. (...) pode ser caracterizada como um traço de personalidade e, desse modo, está intrinsecamente vinculada ao eu (p.10).”*

Porém, Bassanezi (2001), bem nos lembra das exigências e expectativas da sociedade patriarcal da década de 40/50, de que: *“não importava os desejos femininos ou a vontade de agir espontaneamente, o que contava eram as aparências e as regras (...) (p.615)”*; e amplia que *“o amor só seria aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima (p.618)”*. Sendo assim, percebemos que havia a cobrança da sociedade para que o namoro, ou seja, a relação entre um homem e uma mulher conduzisse ao casamento, sendo este um peso relevante nas decisões de cada um.

Contudo, a mulher contemporânea tem outras exigências, para isso é necessário um afrouxamento dos padrões patriarcais, para que cada mulher estabeleça seu projeto afetivo pessoal, baseado em suas próprias escolhas e valores: casar ou não, ter encontros breves ou longos (Moraes, 2000).

Giddens (1993) afirma que,

“Confiar em alguém significa renunciar às oportunidades de controlá-lo ou de forçar as suas atividades dentro de algum molde particular. Mas a autonomia concedida ao outro não será necessariamente utilizada de modo a preencher as necessidades do parceiro no relacionamento. As pessoas crescem separadas – esta é uma observação bastante comum (p.155).”

Goldberg (*apud* Giddens, 1993) em seu texto: *The New Male* amplia as formas de relacionamento dizendo que,

“É importante para todo homem romper com a idéia de que as mulheres com quem ele se envolve devam ser passivas e apaixonadas; em vez disso, devem esperar relacionar-se com mulheres que são pessoas independentes. Os homens necessitam desenvolver o seu ‘lado feminino’ e ‘reivindicar

emoções, necessidades de dependência, passividade, instabilidade, jovialidade, sensualidade, vulnerabilidade e resistência a sempre assumir a responsabilidade (p.169).”

Dessa forma, para que o processo de individuação aconteça consideramos que os arquétipos das deusas devam ser complementares e se integrar entre si: uma deusa necessita de aspectos de outras deusas, bem como as mulheres com ativações mais fortes de determinadas deusas, deverão buscar o autoconhecimento, a fim de integrar aspectos de outras deusas, para que dessa maneira amplifiquem suas formas de se relacionar e de experimentar a vida.

Ao conscientizar-se das deusas que regem sua psique a mulher poderá usufruir dos vários aspectos dos arquétipos das deusas e também poderá vivenciar integralmente sua feminilidade, experimentar diferentes maneiras de ser e estar no mundo, conhecer e compreender o outro em sua individualidade e assim ampliar sua consciência.

Em síntese, podemos concluir que a subjetividade dos indivíduos da década de 50 era permeada pelo modelo patriarcal: os papéis masculino e feminino eram claramente definidos, mantidos e exigidos pelos meios sociais. Eram opostos e excludentes, sendo homens e mulheres alocados em âmbitos separados. Essas desigualdades de gênero eram justificadas pela naturalização das diferenças.

Com o passar das décadas, houve movimentos que permitiram que a mulher iniciasse sua atividade pessoal de busca de decisões, de conquistas e de ir atrás do que ela realmente deseja. À reivindicação por direitos iguais seguiu-se a necessidade de respeito pelas diferenças e a busca por realização na relação e na construção de autonomia e independência.

Na contemporaneidade, há um movimento de integração das várias possibilidades de vivências, as quais possibilitam à mulher trilhar caminhos rumo à integridade. A mulher poderá experimentar o acolhimento e a maternidade de Deméter; ter uma carreira e envolver-se em projetos, inspirada em Atenas ou Artémis; vivenciar diversos relacionamentos amorosos como permite o arquétipo de Afrodite, ou ter o casamento como foco, e integrando polaridades, como Hera.

A mulher a todo o momento é movida a fazer escolhas e a tomar decisões. A partir do momento em que cada mulher estiver consciente de suas limitações e desejos, ela poderá tomar decisões e fazer escolhas cada vez mais sinceras, de

acordo com seu verdadeiro ser; dessa forma, cada qual estará livre para ser protagonista de seu próprio mito.

Na contemporaneidade a mulher se encontra em um momento de transição, complexo e rico, que consiste em buscar sua identidade mais plena. *“Rompidas as rígidas amarras dos ideais patriarcais, é tempo de recuperar toda gama de possibilidades arquetípicas de expressão do feminino. Poder servir a cada deusa, sem negligenciar nenhuma divindade (Moraes, p.76, 2000)”*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou uma compreensão das manifestações arquetípicas das Deusas Gregas, como revelação do inconsciente coletivo, em dois momentos históricos: década de 40/50 e na contemporaneidade.

Pudemos perceber que a compreensão e a integração de conteúdos inconscientes pela consciência é um processo que nos leva ao autoconhecimento, e nos possibilita reconhecer e aceitar o outro como ele realmente é, e dessa forma, caminharmos rumo ao processo de individuação.

Consideramos que os conceitos da Psicologia Analítica foram fundamentais para compreensão e integração do processo de análise do trabalho, e também por abarcar várias dimensões inter-relacionadas da existência humana, como, a subjetividade, as relações inscritas no âmbito social e no coletivo, que revelam manifestações arquetípicas.

Segundo Benedito (1996): *“(...) é preciso criar meios adequados para a consciência se relacionar com conteúdos do inconsciente, para que a função de auto-regulação da psique possa garantir nossa saúde mental e física (p.100)”*.

Os estudos dos momentos históricos, das deusas e dos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica, me apresentaram a cada momento uma reflexão e uma ampliação de minha própria consciência.

As leituras e a pesquisa em si possibilitaram ressonâncias de momentos constitutivos de minhas próprias vivências, permitindo-me um aprofundamento e um mergulho em meus próprios conteúdos inconscientes.

Para tanto, em alguns momentos foi preciso parar, respirar e refletir para elaborar e integrar certos conteúdos, para só depois continuar a escrita e o processo de pesquisa. Considero que a análise pessoal foi de extrema importância para elaboração e assimilação de conteúdos na consciência.

Acreditamos que a pesquisa em Psicologia Analítica foi bastante mobilizadora, pois conteúdos muito particulares foram me apresentados; assim podemos considerar que em alguns momentos o processo de pesquisa tornou-se como um processo terapêutico, no qual houve uma transformação por parte do observador diante do fenômeno observado.

A presente pesquisa mostrou-se relevante para a atuação do psicólogo na prática clínica, refletiu sobre como a manifestação dos arquétipos individuais é

importante para a relação entre psicólogo e paciente tanto nas terapias individuais quanto nas de grupo. O trabalho com conteúdos do inconsciente coletivo, além do pessoal, pode melhorar a qualidade das relações dos seres humanos, possibilitando a compreensão de conteúdos simbólicos que poderá ser integrados e harmonizados.

Apesar de ser um estudo que tem como foco as mulheres, pudemos perceber que abarca o ser humano como um todo, já que nos permitiu uma reflexão sobre a mulher nas suas mais diferentes relações, como: no relacionamento amoroso, no mercado de trabalho, com filhos entre outros, ou seja, o foco são os seres humanos em relação.

Contudo, percebemos que esse processo de autoconhecimento, percepção e compreensão dos conteúdos inconscientes promovem encontros com aspectos sombrios de nossa própria personalidade, que facilmente tendemos a projetar no outro, como mecanismos de defesa, e que muitas das vezes dificulta o processo de individuação. Por outro lado, há a possibilidade de confronto e integração desses conteúdos.

Porém devemos levar em consideração que apesar de ser um processo, muitas vezes áspero, difícil e tortuoso, contribui para o desenvolvimento do si mesmo, e nos leva a escolhas peculiares em nossa existência, de acordo com nossos próprios valores: rumo à satisfação pessoal, levando-se em consideração o respeito para com o outro nas suas diferenças, ou seja, é uma aventura na qual vale a pena investir e arriscar.

Durante todo o processo de pesquisa pude perceber, por meio de reflexões, a assimilação e apropriação da teoria e do tema em questão, o que me possibilitou crescimento, amadurecimento e familiaridade diante da temática estudada.

Contudo, a todo o momento surgiam questões e indagações que se ampliam para uma abertura para outros estudos. Como, por exemplo, compreender as manifestações arquetípicas dos Deuses Gregos na psique da mulher e manifestações de deuses (as) na psique do homem, a fim de apreender e integrar o amplo conceito de inconsciente coletivo que se expressa na humanidade.

A passagem de Kahlil Gibran em *O Profeta* (O casamento) representa bem a imagem arquetípica, segundo o qual a integração da *anima* no homem e do *animus* na mulher é fundamental, a fim de que: as projeções sejam minimizadas; permitindo o conhecimento de si mesmo, para que dessa forma, sejamos capazes de suportar e respeitar as diferenças do outro, e assim trilhar rumo à alteridade:

“Então, Almitra tornou a falar e perguntou:

‘E que nos dizes do Casamento, mestre?

Em resposta, ele disse:

*‘Vós nascestes juntos, e juntos permanecereis para sempre.
Estareis juntos quando as brancas asas da morte dissiparem vossos dias.*

Sim, estareis juntos ainda no silêncio da memória divina.

Mas que haja espaços em vossa união,

E que os ventos do céu passem entre vós.

Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão:

Que as ondas do mar passem entre as praias de vossas almas.

Enchei o cálice um do outro, mas não bebei do mesmo cálice.

Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.

*Cantai e dançai juntos, e sedes alegres, mas deixai cada um de vós estar
sozinho,*

Como as cordas do alaúde que, separadas, vibram em harmonia.

Dai vossos corações, mas não os confiai um ao outro,

Pois somente a providência divina pode contê-los.

E permaneci juntos, mas não em demasia:

Pois os pilares do tempo erguem-se separados,

E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro”.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Maria Theresa Moura Brasil (2007). *Capítulo 13 – Ártemis Sagitária*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. ***Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas***. (p.235-249). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BARBOSA, Ana Maria de Toledo Souza Miranda (2007). *Capítulo 5 – Deméter – Deusa mãe da terra cultivada*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. ***Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas***. (p.101-115). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BENEDITO, Vanda Lucia Di Yorio. *Amor conjugal e terapia de casal: uma leitura arquetípica*. São Paulo: Summus, 1996.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres / Jean Shinoda Bolen; [Tradução Maria Lydia Remédio – São Paulo: Paulus, 1990. – (Coleção amor e psique)*
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Editora Vozes, Volume 1, 15ª Edição, 2000.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. Ver. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. – São Paulo: FTD : LISA, 1996.
- CAMPELL, Joseph. *O poder do mito / Joseph Campell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés*. São Paulo : Palas Athena, 1990.
- CAVALCANTI, Tito R. de A. \ Jung \ Tito R. de A. Cavalcanti. São Paulo: Publifolha, 2007 – (Folha Explica).
- ESCALEIRAS, Fernanda Gustin. *O voltar-se para si mesmo, a caminho do processo de individuação, após o fim da relação amorosa*. São Paulo, 2004. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ESTEVES, Ana Letícia. *A relação entre o processo de individuação e as vivências de perda do parceiro amoroso*. São Paulo, 2004. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FIGUEIRA, S. A. (1987). *O moderno e o arcaico na nova família brasileira*. Em S. A.

Figueira (Orgs). **Uma nova família?**. Rio de Janeiro: Zahar.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas* / Anthony Giddens; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. – (Biblioteca básica)

HIME, Flávia Arantes. *A biografia feminina e a história das relações amorosas – “O vôo da fênix”*. Doutorado em psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, Editora Vozes, Volume VII/1, 15ª Edição, 2004.

JUNG, Carl Gustav (1875-1961). *O desenvolvimento da personalidade*; trad. Valdemar do Amaral, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

LINDENBERG, Sônia Regina Crosariol (2007). *Capítulo 9 – Afrodite*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. **Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas**. (p.169-182). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MORAES, Noely Montes. *Sapos não viram príncipes: uma abordagem das perspectivas amorosas de mulheres contemporâneas*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORAES, Noely Montes. *Fica comigo para o café da manhã*. São Paulo. Ed: Olho d'água, 2000.

NORGREN, Maria Bethânia Paes. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica com o título: *“Para o que der e vier’: Estudo sobre os casamentos de longa duração”*. São Paulo, 2002. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. Dissertação de Mestrado em Psicologia com o título *“Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G. Jung”*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

PETTA, Fernanda Maria Fragoso. Dissertação de Graduação em Psicologia com o título: *“O Símbolo do bode expiatório na propaganda.”*. São Paulo, 2000.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil* / Mary Del Priore (org.) 5. Ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

- RIBEIRO, Ana Luisa Silva (2007). *Capítulo 15 – Atená*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. **Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas**. (p.269-281). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SANFORD, John A. *Os Parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós*; (tradução I.F. Leal Ferreira; revisão Arthur Leal Ferreira, Ivo Stomiolo). – São Paulo: Paulus, 1986. (Coleção amor e psique)
- SOUZA, Ana Célia Rodrigues de Souza (2007). *Capítulo 17 – Coré – Perséfone – Um ritual iniciático da totalidade do feminino*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. **Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas**. (p.299-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SPESSOTO, Rosana (2007). *Capítulo 3 – Hera*. Em ALVARENGA, Maria Zélia, coordenação. **Mitologia simbólica estruturas da psique & regências míticas**. (p.67-81). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- STEIN, Murray. *Jung o mapa da alma – Uma introdução*. São Paulo. Cultrix, 1998.
- WHITMONT, Edward C., *O retorno da Deusa* / de Edward C. Whitmont; tradução de Mari Sílvia Mourão. – São Paulo: Summus, 1991.
- WOOLGER, Jennifer Barker e WOOLGER, Roger J. – *A Deusa Interior – Um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas*. Editora Cultrix. São Paulo. 1987-1989.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CHEVALIER, Jean, 1906 – Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 22ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANCHINI, A.S. *As cem melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras de tradição greco-romana*. Porto Alegre, 2003.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos De Psicologia Analítica*. Petrópolis, Editora Vozes, 12ª Edição, 2004.

JUNG, Carl Gustav. *A Prática da psicoterapia*, C.W. vol.16. cap.1. Princípios básicos da prática da psicoterapia (1935). Ed.Vozes Petrópolis, 1987.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. *O Eu e o inconsciente*; tradução de Dora Ferreira da Silva. 21. Ed.Vozes Petrópolis, 1987.

MILAN, Betty. *O que é o amor?*, São Paulo. Ed. Brasiliense, 7ª Edição, 1991.

WHITMONT, Edward (1969). *A Busca do Símbolo*. Cap. 18 Terapia. Ed. Cultrix.S.P.1994.